

CONSEQUÊNCIAS
DE UMA FANTASIA:
ação e reações à obra de Rodrigo Braga



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais

Projeto de Graduação em História, Teoria e Crítica

CONSEQUÊNCIAS DE UMA FANTASIA: ação e reações à obra de Rodrigo Braga

FERNANDA BARROSO BRUNO DE CARVALHO

Porto Alegre,
Julho de 2009

FERNANDA BARROSO BRUNO DE CARVALHO

CONSEQUÊNCIAS DE UMA FANTASIA: ação e reações à obra de Rodrigo Braga

Monografia apresentada como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais, ênfase em História, Teoria e Crítica. Departamento de Artes Visuais do Instituto de Arte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientadora: Prof. Dra. Ana Maria Albani de Carvalho

Banca: Prof. Dr. Alexandre Ricardo dos Santos

Prof. Dra. Mônica Zielinsky

Julho de 2009

Agradecimentos

Gostaria de agradecer, primeiramente, ao meu anjo da guarda que me guiou até um pequeno e simpático restaurante do Bonfim, em pleno mês de janeiro, reservou justamente uma mesinha ao lado de Ana Carvalho e, então, tive a oportunidade de lembrá-la que já era minha orientadora desde de outubro do ano anterior! Sendo assim, agradeço profundamente a professora Ana Carvalho, por ter se lembrado e aceitado meu convite para ser minha orientadora. Obrigada pela disponibilidade, atenção e dedicação em me colocar de volta ao eixo dessa pesquisa por diversas vezes durante esses meses de trabalho.

Agradeço também aos professores Mônica Zielinsky e Alexandre Santos, pelas valiosas contribuições feitas na pré-banca, que foram essenciais para delinear melhor a presente monografia.

Agradeço especialmente à Rodrigo Braga, que respondeu prontamente ao meu pedido e, mesmo sem nunca ter visto meu rosto, confiou em mim e no meu trabalho. Obrigada por todo material enviado e pela atenção que sempre teve comigo.

Agradeço à Fundação Vera Chaves Barcellos (Sol Casal), Vivi Gil e Lillian Gomes, por terem cedido e autorizado o uso de algumas imagens que ilustram esse texto.

Agradeço também aos meus cultos amigos, sem os quais essa pesquisa não teria a mesma riqueza bibliográfica: Paula Langie Araújo, Camila Schenkel, Lu Campana, Adriana Daccache e Sol Casal.

Agradeço muito ao apoio logístico e, principalmente, à amizade de Raquel Alberti, Ana Adams e Ronise dos Santos.

Agradeço à minha família, que sempre me acompanha, mesmo de tão longe.

Agradeço a todos que me ajudaram de alguma maneira, seja ouvindo milhares de vezes sobre esta pesquisa, seja me tirando de casa para tomar um solzinho ou um café.

Palavras-chave

Arte contemporânea, limites, relação estética, julgamentos, legitimação.

Objetivo

Compreender os fatores que podem influenciar na maneira como uma obra de arte, considerada repulsiva, é recebida por um determinado segmento de público que manifesta suas opiniões e julgamentos através de mídia eletrônica (correio eletrônico, fórum de discussão e postagens em blogs e sites da internet), através do estudo de casa da obra *Fantasia de Compensação*, do brasileiro Rodrigo Braga.

Sumário

Introdução 11

Estudo de caso

Fantasia de Compensação: repulsa e revolta na obra de Rodrigo Braga 17

Conclusão 41

Lista e créditos das imagens 44

Bibliografia 45

Anexos:

- I. Imagens da série completa – *Fantasia de Compensação* (2004). 48
- II. Imagens da série completa – *Da Alegoria do Perecível* (2005). 54
- III. Depoimento do artista. 57
- IV. Nota de esclarecimento sobre a obra *Fantasia de Compensação*. 61
- V. Entrevista com o artista. 63
- VI. Texto crítico do professor e historiador Paulo Trevisan. 67
- VII. Reportagem publicada em revista on-line. 69
- VIII. Postagem sobre o assunto em blogs internet. 71
- IX. Alguns dos comentários coletados do blog *Curiosidades na Net*. 73
- X. Alguns dos e-mails enviados ao artista entre abril e dezembro de 2008. 77
- XI. Dados sobre a participação do artista na exposição *Colagens Contemporâneas – cruzamentos (im)puros?*, realizada na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo/IA-UFRGS, em 2008. 81

Introdução

A questão desta pesquisa é a recepção da arte por um determinado tipo de público, que manifesta seus julgamentos e opiniões através de mídia eletrônica, quando a obra apresentada desperta sentimentos de insatisfação, repulsa e/ou revolta. Considero a experiência do *público* com a *arte* porque, no contexto deste estudo, envolve não só a relação do espectador com o trabalho em si, como também com o artista e com a instituição responsável pela apresentação e exposição de tais obras.

Quais os fatores envolvidos nessa relação público/arte, no caso de obras repulsivas? Qual é a reação mais frequente do público divulgada em meios de comunicação de grande circulação, como é o caso da internet?

A proposta desta monografia é, então, compreender esses fatores que envolvem a relação entre obra artística legitimada, considerada repulsiva segundo determinados critérios (que serão discutidos posteriormente, neste estudo), sejam relativos ao tema, à imagem, aos procedimentos adotados pelo artista para a realização da obra e as implicações éticas e morais do mesmo, bem como sua recepção por este público que divulga seus julgamentos e suas considerações. Para tanto, optamos pelo estudo de caso da obra *Fantasia de Compensação* (2004) do artista plástico brasileiro Rodrigo Braga, tendo como suporte as considerações e motivações do artista para a realização do trabalho e os comentários manifestados através de mensagens eletrônicas enviadas a ele ou postagens em sites e blogs na internet.

O volume de comentários divulgados em meio eletrônico, bem como o teor das mensagens enviadas ao artista, compõem um conjunto de informações que dizem respeito à opinião de uma parcela considerável de espectadores. Um público, provavelmente, não usual ao ambiente expositivo, porém não menos relevante, já que além do contato virtual com a arte, seus comentários circulam livremente na internet e podem assumir uma proporção maior do que se supõe, disseminando um tipo de informação, muitas vezes, incompleta e distorcida sobre a obra. É importante considerar que a internet potencializa a repercussão destas manifestações e possibilita às pessoas o acesso às imagens. Certamente, muitos dos que comentaram sobre a obra *Fantasia de Compensação* em post de blogs e *Orkut* só viram as imagens através da internet e jamais foram à alguma exposição, nem a do Rodrigo Braga, nem outra qualquer. Além disso, a internet firma-se como um meio, de certa forma protegido, já que não há contato físico pessoal direto com ninguém, no qual as pessoas comentam os maiores disparates e expressam o que jamais diriam em outras circunstâncias. Este segmento de público, que em momentos anteriores não tinha um meio para divulgar suas opiniões, agora pode manifestar-se no “anonimato” pela internet.

É importante observar também que as considerações baseadas nos dados coletados via internet foram feitas apenas em relação ao conteúdo publicado, uma vez que não é possível determinar alguns aspectos que influenciam na relação do público com a obra, como por exemplo, a faixa etária e o nível sócio-cultural. Sendo assim, as considerações relacionadas, sobretudo ao aspecto sócio-cultural,

como questões referentes aos valores morais ou éticos¹, foram tomadas de forma mais generalizada, considerando os fatores sociais que envolvem as regras estabelecidas culturalmente em nossa sociedade e, portanto, passíveis de aplicação a todos os indivíduos.

A escolha por esse tema surgiu da minha inquietação diante de trabalhos que ultrapassam os limites de ordem ética ou moral. Ao me deparar com uma obra dessa natureza, juntamente com o sentimento de repulsa ou revolta, vários questionamentos sobre o sistema artístico e social surgiam automaticamente. Ao mesmo tempo, observava a reação de outros espectadores, talvez na tentativa de identificar reações semelhantes e, assim, justificar e validar minha própria reação. É fato que sempre que uma obra transgressora é exposta, vem seguida de comentários e longas discussões acaloradas sobre o objeto visto e os sentimentos gerados, porém, ao final dessas conversas, percebia minhas opiniões um tanto quanto limitadas e unilaterais. Da necessidade de argumentação, compreensão e aceitação desse tipo de trabalho, surgiu o desejo em buscar fundamentação teórica sobre o tema.

A presença frequente de obras que causam rejeição em mostras de grande importância, como Bienais e em instituições renomadas, a reação do público e as repercussões, normalmente negativas, nos mais variados meios de comunicação apontam para um descompasso entre arte que rompe os limites morais – mesmo em um contexto que poderíamos considerar como permissivo –, vigente na sociedade moderna ocidental e percepção do espectador. Ao mesmo tempo, aponta para uma incoerência sócio-cultural característica do século XXI: como é possível uma obra de arte causar tanto impacto negativo se convivemos diariamente com imagens que ultrapassam qualquer limite de padrões ético ou moral nos jornais, TV, filmes e jogos ultraviolentos? Seria a arte o último reduto a salvo da degradação dos princípios morais característicos da classe média ou seria o público, de modo geral, incapaz de associar à arte algumas das obras produzidas atualmente?

Considerar a arte como “reduto” dedicado apenas aos valores artísticos ligados ao domínio das técnicas clássicas de produção, à apreciação que desperta sentimento de satisfação naquele que observa e aos valores morais socialmente aceitos pelos segmentos médios é negar a própria história da arte, marcada por transgressões. Cada movimento surgido desde o século XIX e ao longo do século XX, por exemplo, pode ser caracterizado por sucessivas rupturas de limites² sejam de ordem técnica, conceitual, física, moral e ética. Considerando apenas os dois últimos aspectos de transgressão citados, a arte já abriga trabalhos fora dos limites morais há pelo menos 45 anos. Basta revisitar a história e conhecer um pouco mais sobre a *Body Art* e artistas como Marina Abramovic e o grupo Acionismo

1 Na Filosofia Moral não há um consenso sobre a divisão no sentido entre os termos Moral e Ética, “já que ambos se referem, de uma maneira ou de outra, ao domínio comum dos costumes. (...) proponho tomar o conceito de moral como o termo fixo de referência e atribuir-lhe uma dupla função, a de designar, por um lado, a área das normas, ou seja, dos princípios do permitido e do proibido, e, por outro lado, o sentimento de obrigação como face subjetiva da relação de um sujeito com as normas. (...) E é em relação a ele que convém fixar um emprego para o termo ética.” Sendo assim, para o autor, o termo Ética diz respeito “ao enraizamento das normas na vida e no desejo (...) designamos por ética algo como uma metamoral, uma reflexão de segundo grau sobre as normas (...)” (RICOEUR, p.591. In Dicionário de Ética e Filosofia Moral, 2007).

2 Refiro-me ao limite imposto pelas regras vigentes relacionadas, tanto às questões artísticas (por exemplo, a técnica e os padrões representacionais de determinado período), quanto às questões sociais, éticas, morais, econômicas ou culturais, que regulam o funcionamento da vida em sociedade.

Vienense que, já nas décadas de 60 e 70, não apenas utilizaram o corpo como matéria e suporte, o que por si só, já era uma transgressão considerável para as regras artísticas vigentes naquele momento, como exploraram – e extrapolaram – limites físicos, expondo-se não só a situações imorais para a época, como também ao próprio risco de morte. A radicalização das ações propostas tanto por esses, como por outros artistas do mesmo período, muitas vezes visavam atingir e provocar o público de alguma forma e, apesar do tempo transcorrido entre a realização e a apresentação desse tipo de ação artística e das mudanças sociais e culturais que configuram o cenário atual, ainda hoje são capazes de provocar forte desconforto e despertar sentimentos de revolta e repulsa no espectador.

Apresentar uma proposta artística que ultrapasse os limites impostos pelos padrões morais de qualquer grupo social, envolve não apenas a intenção do artista em fazê-lo, como a disponibilidade do sistema legitimador (seja galerias de arte, museus, críticos ou curadores) em dar acesso ao público à um tipo de obra que vai contra ao que é habitual, ou seja, aos conceitos mais generalizados sobre o *como* deve ser uma obra de arte. Sendo assim, para compreender as transgressões promovidas pelos artistas, bem como a dificuldade de aceitação desse tipo de arte por parte dos diversos segmentos de público, de maneira geral, é importante considerar o contexto histórico e social em que a obra foi realizada e as intenções ou motivações do artista, que justificam sua produção como arte: conhecer seus questionamentos, buscar elementos que validam suas escolhas artísticas e seus embates sociais ou culturais, sem deixar de considerar também o próprio posicionamento do público enquanto receptor dessa obra, ou seja, a forma como se relaciona com esse tipo de arte. Se o contexto social influencia na maneira como uma obra é produzida e na forma como é percebida pelo observador, então é pertinente conhecer as considerações relacionadas a sociologia da arte, pois ela aborda o tema sob o aspecto do funcionamento social do sistema artístico, considerando os fatores externos (sejam eles econômicos, políticos ou culturais de um dado grupo social), que interligam obra, artista, crítico/instituição e público. No caso específico da proposta deste estudo é importante também conhecer as considerações da filosofia da arte relacionadas ao estudo da estética e aos critérios de julgamentos estéticos e morais, já que são estudos mais direcionados a uma questão específica e fundamental para a compreensão da relação público/arte repulsiva que será abordado neste estudo de caso da obra de Rodrigo Braga.

Para contemplar os quatro pontos que considero fundamentais para o desenvolvimento deste estudo, ou seja, transgressão, contexto social, intenções artísticas e julgamentos (de gosto, estético ou moral) optei por compor a base teórica dessa pesquisa com um autor da sociologia da arte – Nathalie Heinich – e um da filosofia da arte – Jean-Marie Schaeffer. A escolha desses autores se deve a pertinência de suas teorias para o desenvolvimento deste estudo, considerando cada ponto citado. No livro *Le Triple Jeu de l'Art Contemporain*³ (1998) Nathalie Heinich aborda aspectos sociais e culturais da transgressão da arte, contextualizando o tema. A autora analisa a questão da quebra de limites éticos e morais promovidos pela arte contemporânea, sob diferentes enfoques e considerando os fatores sociais que influenciaram

3 O Triplo Jogo da Arte Contemporânea. Tradução livre da autora.

nesse processo. Jean-Marie Schaeffer foi escolhido por sua análise sobre a relação estética espectador/obra e o julgamento de gosto, estético e moral abordadas no livro: *Adieu à l'Esthétique*⁴ (2000). Neste livro, Schaeffer apresenta suas considerações sobre a questão da conduta estética, enquanto fator determinante para o tipo de julgamento expressado pelo observador. Tanto as teorias sociológicas de Heinich, quanto as considerações filosóficas de Schaeffer foram abordadas no contexto da análise da obra *Fantasia de Compensação* e foram importantes para o desenvolvimento deste estudo, justamente por estarem diretamente relacionadas a aspectos marcantes da obra analisada, como a transgressão de ordem ética, presente nesse trabalho, e o tipo de recepção desta obra por um público específico, aspectos e teorias que serão estudados de forma mais detalhada no próximo capítulo.

Pela complexidade do tema e pelo volume de autores e leituras importantes relacionados a cada aspecto abordado nesse estudo e o curto tempo de execução para um projeto de graduação em História, Teoria e Crítica, fez-se necessário concentrar a pesquisa, para que fosse possível levantar algumas das questões relevantes ao assunto proposto, dentro do prazo estabelecido para a concretização dessa monografia. Por isso, escolhemos realizar um estudo de caso e, a partir dele, desenvolver o embasamento teórico de forma mais pontual sem, no entanto, limitá-lo apenas ao contexto da obra escolhida.

Era importante escolher um artista reconhecido e legitimado pelo sistema artístico, que tivesse uma obra considerada repulsiva por uma ampla parcela de pessoas que, de alguma forma, tiveram contato com ela. Sendo assim, a escolha por estudar *Fantasia de Compensação* (2004), de Rodrigo Braga não poderia ser mais apropriada. O trabalho possui um grande potencial em promover sentimentos de repulsa no espectador, tanto na parcela composta por leigos, quanto na parcela composta por especialistas ou estudiosos em arte, pela transgressão moral e quebra dos limites materiais para a realização do mesmo. Outro ponto considerado para essa escolha foi a legitimação do artista no cenário nacional e internacional: Rodrigo Braga participou de diversas exposições em importantes instituições culturais no Brasil e no exterior, além de feiras de arte consagradas como a Arco, em Madrid. Prova disso são as diversas matérias em importantes jornais do país e do exterior, disponíveis em seu site, tanto sobre sua produção artística, quanto sobre sua atuação profissional. A proximidade e facilidade de acesso a algumas das séries do artista também foram considerados para essa escolha. Obras de Rodrigo Braga integram o acervo da Fundação Vera Chaves Barcellos, em Viamão, região metropolitana de Porto Alegre. Além disso, tive a oportunidade de ver pessoalmente a obra estudada, como integrante da exposição coletiva *Colagens Contemporâneas: cruzamentos (im)puros?* – com curadoria da artista e professora da graduação e pós-graduação Sandra Rey – realizada na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, do Instituto de Artes da UFRGS, no período de 28 de maio a 20 de junho de 2008. Também pude ver pessoalmente as séries *Da Alegoria do Percível* (2005) e *Do Prazer Solene* (2005), ambas expostas no Itaú Cultural, em São Paulo, no ano de 2006.

4 *Adeus à Estética*. Tradução livre da autora.

Nascido em Manaus, em 1976, Rodrigo Braga reside e trabalha em Recife, onde graduou-se em Artes Plásticas pela Universidade Federal de Pernambuco, em 2002. Artista premiado, sua obra é marcada pelo uso constante do corpo como suporte e imagem auto-referente. Seus trabalhos trazem à tona questões auto-biográficas, permeadas por aspectos emocionais particulares, motivações pessoais que não são, necessariamente, acessíveis ao espectador através da simples apreciação visual. Questões estas traduzidas, na maioria das vezes, em séries de imagens fotográficas, ora manipuladas digitalmente, ora não, ora mesclando as duas possibilidades numa mesma sequência de imagens, como é o caso de *Fantasia de Compensação*.

Por ser jovem e sua produção bastante recente, a maior fonte de coleta de dados tanto sobre Rodrigo Braga, quanto sobre sua obra foi a internet. Para analisar as motivações do artista quando da execução do seu trabalho foram coletados de seu site o depoimento sobre a obra *Fantasia de Compensação* e as imagens completas de outras séries fotográficas, apresentadas ao longo do texto ou dados em anexo. Ainda do site pessoal do artista, foram coletados os dados biográficos apresentados aqui, além de reportagens e do catálogo de uma exposição individual realizada no Instituto Cultural Bandepe, em Recife, no ano de 2006. Além disso, mantive contato com Rodrigo Braga através de correio eletrônico e pude contar com o apoio solícito e gentileza do próprio artista em dedicar parte do seu tempo – em meio a uma residência artística no sertão de Pernambuco – em me ceder informações e dados valiosos para o desenvolvimento desta pesquisa.

Em outros sites foram coletados entrevistas do artista, o texto crítico do professor e pesquisador em História da Arte Paulo Trevisan, publicado em blog pessoal e os manifestos publicados no site de uma entidade de defesa dos animais e outros dois blogs pessoais. Optei por manter a formatação dos dados coletados na internet, salvo pela alteração da cor e tipo de fonte, para preservar a maneira como as informações circulam nesse meio. Por essa razão, consta nos anexos algumas imagens de trabalhos não citados no texto, bem como imagens repetidas da obra estudada. Além do meio digital, foram coletados também os dados documentais da exposição *Colagens Contemporâneas – cruzamentos (im) puros?*, da qual Rodrigo Braga participou com a apresentação da obra estudada.

A definição da questão da pesquisa como a relação público/arte repulsiva e da obra *Fantasia de Compensação* como estudo de caso, revelou a grande repercussão do trabalho e a quantidade de comentários coletados na internet: 284 e-mails recebidos pelo artista no período de abril a dezembro de 2008; 324 comentários (até o momento⁵) publicados em resposta à um único *post* sobre o assunto, num blog na internet, compreendendo o período de maio de 2008 a maio de 2009, com o maior volume de comentários publicados entre os meses de maio a julho de 2008. Além desses, foram coletados alguns comentários publicados em dezenas de fóruns de discussão criados em comunidades distintas

5 Esses comentários foram publicados no Blog *CNN – Curiosidades na Net – Curiosidades e notícias de tudo que rola na internet*, em resposta ao *post* publicado em 05 de maio de 2008, com o título: “Homem costura pedaços de cachorro no corpo!”. <http://curiosidadesnnet.wordpress.com/2008/05/05/homem-costura-pedacos-cachorro-no-corpo/>
Última data de acesso em 08 de junho de 2009

no site de relacionamentos *Orkut*. Todas essas manifestações compõem um panorama sobre a maneira como as informações tanto sobre a obra, quanto sobre o artista circulam na internet e retratam o sentimento de repulsa e revolta relacionado à apreciação das imagens deste trabalho.

Devido ao curto prazo para a realização desta pesquisa e ao farto material coletado, optei por não realizar entrevistas com os alunos e professores do Instituto de Artes/UFRGS sobre a exposição desta obra na Pinacoteca, em 2008, embora fosse interessante e enriquecedor conhecer de forma mais sistemática essas opiniões.

Sendo assim, no capítulo a seguir, procurei desenvolver o estudo sobre a série fotográfica *Fantasia de Compensação*, tendo como fio condutor os possíveis fatores que influenciam a relação espectador/obra e as reações manifestadas e coletadas da internet. Para tanto, abordo, questões da fotografia como linguagem visual e índice da verdade; questões sobre conduta estética e julgamentos, baseados na teoria de Schaeffer e nos dados coletados; questões formais do trabalho, quanto à execução da obra, bem como as motivações pessoais do artista. A partir dessa descrição formal da obra, proponho uma reflexão sobre os possíveis aspectos repulsivos presentes neste trabalho que resultam no tipo de manifestação coletada, estabelecendo, para tanto, um paralelo entre a obra *Fantasia de Compensação* e outras duas obras contemporâneas que possuem aspectos materiais semelhantes (no sentido da matéria prima utilizada) à obra estudada, sendo uma delas do próprio Rodrigo Braga e a outra da artista Karin Lambrecht. Por fim, abordo a questão dos aspectos repulsivos da obra, considerando as influências sociais, culturais e institucionais, baseadas nas teorias de Nathalie Heinich.

A maior parte do material coletado para este estudo está disponível integralmente nos anexos. Apenas os e-mails enviados ao artista e comentários publicados nos blogs estão apresentados parcialmente, porque além de serem muitos em termos quantitativos, são também um tanto quanto repetitivos em relação as opiniões manifestadas. Sendo assim, está disponível em anexo apenas uma amostra do tipo de manifestação popular que circula na internet.

O estudo do material coletado, juntamente com as considerações do artista e o embasamento teórico sustentado na sociologia e filosofia da arte compuseram a estrutura para o desenvolvimento dessa pesquisa. Através da fundamentação teórica e da análise da obra *Fantasia de Compensação*, procurei dar os primeiros subsídios para a melhor compreensão das questões referentes à quebra de valores éticos e/ou morais promovidos por obras contemporâneas e a relação do público com esse tipo de arte. Para o campo das artes, o direcionamento dessa pesquisa para a recepção de um tipo de arte que choca um público não usual ao ambiente expositivo é uma maneira de inserir no sistema artístico as mudanças trazidas pelos novos hábitos culturais e tecnológicos, já que considera também como participante ativo nesse processo um outro tipo de fruitor, tão atuante – talvez até mais – quanto aquele que frequenta os museus e galerias.

Apresento a seguir o levantamento das considerações iniciais sobre o tema, adequadas ao tempo de execução de um projeto de graduação em História, Teoria e Crítica, mas com possibilidades de desenvolvimento das questões levantadas aqui de forma mais aprofundada, em outra ocasião.



Fantasia de Compensação. Fotografia e manipulação digital. 2004.
Colagens Contemporâneas: cruzamentos (im)puros? Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, IA/UFRGS. 2008.

Estudo de Caso

Fantasia de Compensação: repulsa e revolta na obra de Rodrigo Braga

“O que é isso?” Parada em frente à obra, mal posso acreditar no que vejo. O olho percorre rapidamente uma sequência de fotos alinhadas na parede que narram uma história tão real e, ao mesmo tempo, tão chocante que não pode ser verdade. O desconforto é grande frente à obra. O olhar passa mais uma vez por todas as fotos e para alguns segundos sobre a imagem de uma cabeça de cachorro, completamente separada do corpo. Não consigo olhar muito tempo as fotos que vinham depois disso. Vou direto para o final da sequência e encontro partes da cabeça desse cachorro costuradas ao rosto de um ser humano. Só então consigo sentir certo alívio e me aproximar da etiqueta para constatar que tudo aquilo não passa de uma montagem digital. Tudo? Não exatamente *tudo*. A parte mais chocante dessa obra, para mim, não é montagem e talvez, por isso, não consigo ficar tanto tempo parada olhando esse trabalho. Sigo pela Pinacoteca para ver as outras obras, mas meu olho sempre voltava para aquele canto, perplexo. A visita à exposição *Colagens Contemporâneas: cruzamentos (im)puros?* era uma atividade de aula da graduação, disciplina de Laboratório de Criação de Texto 3, ministrado pela professora Icléia Cattani. Minha turma, de aproximadamente 10 alunos, circulava pela Pinacoteca e a maioria parava sempre por mais tempo em frente ao mesmo trabalho. Um chamava a atenção do outro, e vários comentavam alguma coisa parecida com o meu “o que é isso?”. Em geral, a primeira reação da minha turma não foi a revolta, mas a perplexidade e/ou a repulsa. A aula prosseguiu em uma conversa com a curadora da mostra, professora Sandra Rey e o assunto passou rapidamente pela questão da concepção da exposição propriamente dita, para alongar-se em alguma justificativa



*Vernissage
Colagens Contemporâneas: cruzamentos
(im)puros? Pinacoteca Barão de Santo Ângelo,
IA/UFRGS. Porto Alegre, 2008.*

para a escolha daquele artista. Aliás, quem era essa pessoa? Por que aquele trabalho estava exposto ali, tão explícito daquele jeito? Minha memória ruim e o estado de choque não me permitiram lembrar, nem relacionar, o autor daquelas imagens tão violentas do cachorro, como autor de outras imagens híbridas homem/partes de animais, porém muito mais brandas – ainda que repulsivas para mim – vistas 2 anos antes, em São Paulo. Não percebi que já conhecia o rosto daquele artista e ainda hoje não consigo definir exatamente o que senti quando fiquei diante daquelas fotografias enormes, expostas no Itaú Cultural. Como também não me lembro de tudo que foi conversado naquela aula, na Pinacoteca do IA, mas lembro que todas as perguntas que fiz à professora Sandra foi para tentar entender – e aceitar – o motivo para aquele trabalho estar ali. E assim, a conversa seguiu até extrapolar o tempo da aula e o espaço físico da galeria. Mesmo depois de tudo isso, saí da Pinacoteca ainda perplexa. As longas discussões seguiram agora em conversas informais com colegas do curso e de atelier a respeito de um trabalho tão marcante por sua capacidade de gerar sentimentos repulsivos e a revolta em muitos dos que o viram ali.

Repulsa¹

Acepções

substantivo feminino

1 ato ou efeito de repulsar ou repelir

2 sentimento de repugnância, de aversão

3 oposição, objeção

4 Rubrica: termo jurídico.

oposição enérgica de uma pessoa devido à violação de certo direito

¹ Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa – versão on-line <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbeta=Repulsa>. Acessado em 27 de abril de 2009.

Ato ou efeito de repelir. Sentimento de repugnância. O que faz com que a série fotográfica *Fantasia de Compensação* (2004), de Rodrigo Braga desperte esse tipo de sentimento? Por que o efeito mais aparente desta obra sobre o público, de um modo geral, é o “repelente”? Por que tantas reações e repercussões negativas manifestadas contra esta obra e o artista?

O trabalho de Rodrigo Braga é imagem. Fotografias, às vezes ampliadas em grandes formatos, outras não, impactantes muito mais pelo tema e pela possibilidade de representação do real, do que por suas dimensões ou qualidades técnicas. O artista utiliza a fotografia de maneira ampliada, explorando o potencial contraditório do indício da verdade em imagens manipuladas, bem como imagens isentas de alteração, em séries que ora privilegiam a pura e simples representação do objeto fotografado, ora ressaltam o rigor e preciosismo técnico da manipulação de imagem. Na produção de Rodrigo Braga, a fotografia se traduz em linguagem visual, capaz de trazer à tona suas questões artísticas e pessoais.

“Acontece que, o quanto mais me aprofundo nessa linguagem, mais percebo o quanto ela se adequa à minha poética artística hoje. A sedução e potência da imagem fotográfica me permite ir além da representação. Por mais que minha prática envolva ressignificações de elementos simbólicos para a criação de imagens deslocadas do universo cotidiano palpável, o que evidencio no “produto final” (a fotografia) é a “coisa em si”, ou seja: a luz refletida dos objetos que atravessou a lente e se perpetuou através do dispositivo fotográfico. Apesar de, para mim, não restar dúvida de que o que venho fazendo é fotografia, a minha forma de trabalhar tem referências mais ampliadas dentro do campo das artes. Às vezes mesclo fotografia com performance, outras busco composições como um pintor; também posso manipular digitalmente o índice fotográfico, como faria um ilusionista, ou ainda apresentar fotos em longas sequências, como quem edita um vídeo, ou ainda associá-las a objetos, como um escultor. Dessa maneira confesso que trabalhar com fotografia é um prazer – dadas às enormes possibilidades criativas – sem ter que me prender a uma única técnica ou procedimento formal.” (BRAGA, 2008. In Entrevistando²).

As possibilidades técnicas, o envolvimento e dedicação do artista para a realização de seus projetos, muitas vezes, tornam-se praticamente secundários para o observador frente à precisão dos resultados alcançados, pois o que é apresentado ao público são imagens fortes pelas escolhas dos materiais utilizados na composição das mesmas, juntamente com a maneira como o artista utiliza seu corpo como tema de suas fotos. Tudo é muito familiar para quem observa, porém as situações apresentadas estão deslocadas de seu contexto habitual e de fato, é a primeira coisa vista. O trabalho por trás daquela imagem com a qual nos deparamos, o rigor técnico, a habilidade de manipulação e montagem, o questionamento sobre a verdade da imagem só aparecem – quando aparecem – depois de transpor a barreira da repulsa inicial, fruto do primeiro impacto, do primeiro flerte com a obra.

O trabalho de Rodrigo Braga não é do tipo que se vê de passagem. Causa estranheza, assusta,

2 Entrevista de Rodrigo Braga. Site Olha e Vê (<http://www.olhave.com.br/blog/?p=80>) – *Entrevistando*, por Alexandre Belém. Postado em 25 de março de 2008. Acessado em 23 de abril de 2009.

choca. É difícil parar em frente a suas fotografias sem sentir um desconforto inicial, uma curiosidade que seja, para que se continue a *acreditar* na imagem que vemos. Seu trabalho é questionador não apenas por seus temas polêmicos e questões éticas/sociais inerentes às interpretações, como também por questionar a própria linguagem fotográfica contemporânea, dividida entre a representação do real e do ficcional, ao mesmo tempo.

O advento da fotografia, no século XIX, possibilitou o registro de fatos reais. Não era apenas a representação realista de um fato, pessoa ou paisagem, como a pintura, mas era considerada como o próprio registro daquilo que é real. A reprodução de uma imagem fiel, mesmo que restritas às possibilidades técnicas da época, deu a fotografia credibilidade quanto ao caráter verídico da imagem. A técnica, aliás, sempre esteve profundamente ligada a fotografia, já que foi justamente o aparato mecânico e químico – hoje muito mais digital – que não só permitiu a existência da fotografia, como determinava a estrutura da imagem produzida. Um exemplo disso é descrito por Nelson Brissac Peixoto, no artigo *Ver o Invisível: a ética das imagens*³, quando relata sobre o processo para realização dos primeiros retratos:

“Os primeiros retratos eram feitos – por imperativos técnicos – em parques poucos frequentados. A fraca sensibilidade das chapas primitivas exigia uma longa exposição à luz natural, o que obrigava o fotógrafo a colocar o modelo num lugar retirado, onde nada pudesse perturbar sua concentração.” (PEIXOTO, In. 2007, p.428)

Essas limitações técnicas da fotografia do início do século XX foram substituídas por processos mais simples e menos desgastantes, fruto da evolução técnica de equipamentos, químicos e processos de revelação e ampliação que permitiu o aperfeiçoamento tanto da captação, quanto da “impressão” das fotos e modificou radicalmente a relação do fotógrafo com a composição da imagem. O desenvolvimento da tecnologia relacionada ao processo fotográfico possibilitou novas experimentações técnicas que resultavam em efeitos inusitados e abria o campo da fotografia para além da representação fiel da realidade. As experiências artísticas com montagens e manipulações de imagem ocorrem desde o início do século XX e também evoluíram junto com a capacidade técnica do processo fotográfico. Porém o uso, cada vez mais frequente da fotografia como prova da realidade em outras áreas de conhecimento e meios de comunicação de grande circulação, como jornais e revistas, acabou por firmar o caráter verídico da imagem fotográfica no meio social. Em seu livro *El Beso de Judas – Fotografía y Verdad* (1997/2002), Joan Fontcuberta, diz que:

“Todavía hoy, tanto nos dominios do cotidiano como no contexto restrito da criação artística, a fotografia aparece como uma tecnologia à serviço da verdade. A câmara testemunha aquilo que aconteceu; a película fotossensível está destinada a ser um suporte de evidências. Mas isto é só aparência; é uma convenção que a força a ser aceita sem paliativos e termina por se fixar em nossa consciência.” (FONTCUBERTA, [1997] 2002, p.17)

3 In. NOVAES, Adauto (org.), *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

4 *“Todavía hoy, tanto en los dominios de la cotidianidad como en el contexto estricto de la creación artística, la fotografía*

Tendo em conta as possibilidades da fotografia atual, a consideração de Fontcuberta é pertinente. Em nossa cultura ainda é marcante a tendência em aceitar a veracidade fotográfica, mesmo diante das constantes alterações de imagens facilitadas por um processo que não mais *grava* esta imagem quimicamente num negativo, mas a *arquiva* em uma sequência de números e códigos virtuais, que se presta – e muito – as manipulações digitais, tão frequentes na fotografia contemporânea. Nesse cenário atual, considerando a fotografia digital, não é mais possível tratar a imagem fotográfica como “índice” da verdade, embora o hábito de considerá-la como tal permaneça presente em nossa cultura.

As imagens manipuladas podem ter muitos objetivos, desde corrigir pequenas imperfeições físicas no rosto e/ou corpo da pessoa fotografada, até a criação de imagens, partindo de algum elemento conhecido, totalmente focado para novas experiências em termos de composição, cores e formas. Esse tipo de imagem possui uma alta circulação em diversos meios de comunicação e é mais comum encontrarmos alguns tipos em determinados meios. Hoje, com o aperfeiçoamento dos recursos digitais de manipulação da imagem, não é mais possível acreditar piamente no que vemos, quando consideramos a fotografia. Tais recursos permitem inúmeras possibilidades que facilitam cada vez mais o trabalho de edição e tratamento de imagens. Com o domínio das ferramentas, dedicação e tempo para explorar essas possibilidades, se consegue alcançar um resultado tão próximo do real – se essa for a proposta –, capaz de colocar em dúvida o que nossos olhos tomam como verdade inicial.

De acordo com Jonathan Lipkin⁵, a rápida evolução tecnológica reduziu os custos relativos ao processo fotográfico, o que ampliou o acesso às câmeras digitais e popularizou o uso e a circulação desse tipo de foto, como acontece atualmente.

*“A medida que o processo tornou-se menos custoso e mais simples de utilizar, resultou-se o que temos hoje, um fenômeno que toca a vida de milhares de indivíduos pelo mundo e que é aplicado a todos, seja pesquisador, turista, artista ou especialista em segurança. É evidente que a possibilidade de modificar o conteúdo de uma foto muda fundamentalmente nossa opinião sobre a prática da fotografia digital.”*⁶ (LIPKIN, 2006, p112)

Essa popularização do processo fotográfico inclui os recursos digitais de tratamento de imagem. Sendo assim, atualmente, é fácil encontrar imagens digitais que tenham passado por algum tipo de manipulação, independente da utilidade que essa foto terá depois. As imagens manipuladas de forma a preservar certa cota de realismo, tendo como tema principal o corpo ou o rosto de uma pessoa é

aparece como una tecnología al servicio de la verdad. La cámara testimonia aquello que ha sucedido; la película fotosensible está destinada a ser un soporte de evidencias. Pero esto es sólo apariencia; es una convención que a fuerza de ser aceptada sin paliativos termina por fijarse en nuestra conciencia.” Tradução livre da autora.

5 Fotógrafo, escritor e professor do *Ramapo College*, em Nova Jersey. Autor do livro *Révolution Numérique – une nouvelle photographie*.

6 *“À mesure que le procédé est devenu moins coûteux et plus simple à utiliser, il est devenu ce qu’il est aujourd’hui, un phénomène qui touche la vie de milliards d’individus de par le monde et qui est à la portée de tous, qu’il soit chercheur, touriste, artiste ou expert en assurance. Il est évident que la possibilité de modifier le contenu d’une photo change fondamentalement notre opinion sur la pratique de la photographie numérique.”* Tradução livre da autora.

mais comum principalmente na internet e em publicações de grande circulação, como revistas sobre os mais variados assuntos. É tão comum que praticamente não nos impressiona mais. Somos capazes de procurar por evidências de manipulação de imagens em fotografias publicadas de atrizes famosas ou em alguma foto supostamente impossível de ser real recebida via internet, mesmo que seu tema seja chocante ou repulsivo.

Fora desse circuito eletrônico, fotografias manipuladas digitalmente são presenças constantes em muitos museus e galerias de arte contemporânea e, portanto não configuram nenhuma novidade nas artes visuais. Porém, um dos fatores que faz com que *Fantasia de Compensação* seja uma obra singular é a eficiência com que Rodrigo Braga cumpriu sua proposta de criar digitalmente uma “realidade” possível, desafiando radicalmente o caráter verídico da imagem fotográfica e a atitude crédula do espectador frente à fotografia, por meio da manipulação de imagem:

“A idéia inicial era fazer uso da tecnologia de manipulação de imagem digital (que já havia lançado mão em uma série anterior) para produzir algo que estivesse dentro da minha poética e ao mesmo tempo contemplasse essa técnica em todo o seu potencial. (...) Queria, portanto, algo que operasse pelo quase imperceptível. Que subvertesse o caráter indicial da fotografia e deixasse o espectador tonto, flutuando entre o virtual e o palpável. Tinha a vontade de gerar não o surrealismo típico de uma montagem fotográfica mas, sim, “fabricar” em ambiente gráfico digital uma “realidade” que, de qualquer forma, pudesse ter ocorrido em verdade, pela habilidade manual humana.” (BRAGA, In. Dos Bastidores do Auto-Retrato, 2005)⁷.

Fantasia de Compensação contrapõe a força da imagem fotográfica com a força da palavra, seja ela escrita ou falada. Isso porque o artista deixa explícito que se trata de imagem manipulada desde o início, seja pela etiqueta com os dados da obra numa exposição, seja pela atuação do mediador, seja pela legenda da imagem publicada em seu site. No artigo *Rodrigo Braga – O Impacto da Imagem e a Desmistificação da Atitude*⁸, o professor Paulo Trevisan aborda a questão do impacto da verdade da imagem, desmentida pela verdade da informação concedida. Para Trevisan, todo o sentimento de repulsa inicial em relação à verdade visual proposta pela obra, deveria ser anulado pela informação sobre a imagem manipulada:

“Ao nos apercebermos deste jogo visual ludibriante temos uma “decepção” em relação à intensidade e a força do impacto que teve sobre nós tais imagens. Portanto, uma vez que o artista nos concede esta informação (a da manipulação da imagem) de uma maneira ou de outra, dispondo-a ao nosso alcance – seja pelas etiquetas ou pela orientação dos monitores –, podemos reorientar agora o motivo do seu trabalho não mais para a ação do artista apresentada nas imagens fotográficas, mas para a problemática da função e do poder da imagem nas artes visuais e da veracidade da atitude do artista” (TREVISAN, 2007)

⁷ Disponível em: http://www.rodrigobraga.com.br/textos/fantasia_03.htm. Acessado em 14 de maio de 2009.

⁸ Publicado em fevereiro de 2007. Ver artigo completo em anexo. Disponível em <http://paulotrevisan.blogspot.com/2007/02/rodrigo-braga-o-impacto-da-imagem-e.html> . Acessado em 23 de abril de 2009.

Porém, analisando as reações e manifestações publicadas na internet e coletadas para esse estudo, mesmo cientes de que a obra é resultado de uma montagem digital, o sentimento de repulsa e revolta permanece na maioria das vezes. Ou seja, não é apenas a sensação de engano, como sugere Trevisan, que rege a postura do espectador frente à obra. Assim, saber a verdade nem sempre ameniza a revolta, como nem sempre desvia a atenção do observador sobre o impacto visual da imagem.

Sent: Saturday, April 26, 2008 1:50 PM

Subject: Fantasia de Compensação

A sua “arte” dá nojo de se ver, sabe? Sendo montagem ou não, fotos de um cachorro sendo estraçalhado não são exatamente o que posso chamar de algo genial...

(e-mail⁹ enviado ao artista)

• *118. | Maio 12, 2008 at 10:45 pm*

*Eu acho que esse cara é um F*****, pode até ser montagem, boneco de borracha, etc .mas esse cara num pensou em quem ia ver isso, crianças e td mais, pode ate ser mentira, mas esse cara tem q se f****, tem q ser feito a msm coisa com ele !*

(comentário em resposta ao post publicado no blog Curiosidades na Net¹⁰)

De acordo com Lipkin, alguns artistas utilizam intencionalmente a fotografia digital, justamente pela facilidade e pela vasta gama de possibilidades disponíveis como recursos técnicos, para desestabilizar, junto ao espectador, a convicção sobre a realidade da imagem fotográfica.

“Alguns artistas a utilizam [fotografia digital] para provocar um mal-estar àqueles que assimilam as fotos à realidade. Frente a uma imagem forjada de todas as peças que compõe o aspecto de uma fotografia, podemos compreender, intelectualmente, que se trata de uma ficção, mas nossa convicção de que uma foto representa qualquer coisa de “real” engendra um sentimento de confusão perturbador.”¹¹ (LIPKIN, 2006, p.9)

Uma das intenções de Rodrigo Braga com esse trabalho era, justamente, desestabilizar a credibilidade do espectador em relação à verdade fotográfica, como relata o próprio artista em seu depoimento *Dos bastidores de um auto-retrato*¹², porém sua intenção¹³ nunca foi provocar mal-estar no observador. Mesmo assim, considerando esta série fotográfica é completamente compreensível

9 Optei por manter a grafia de todos os e-mails e comentários coletados e apresentados no decorrer deste texto, preservando tanto expressões coloquiais, quanto erros de grafia, pontuação e vícios de linguagem, comuns na internet.

10 Disponível em <http://curiosidadesnanet.wordpress.com/2008/05/05/homem-costura-pedacos-cachorro-no-corpo/>. Acessado em 27 de maio de 2009.

11 *“Certains artistes l'utilisent [la photographie numérique] pour provoquer une gêne profonde chez ceux qui assimilent les photos à la réalité. Face à une image forgée de toutes pièces qui a l'aspect d'une photographie, nous pouvons comprendre, intellectuellement, qu'il s'agit d'une fiction, mais notre conviction qu'une photo représente quelque chose de “réel” engendre un sentiment de confusion troublant.”* Tradução livre da autora.

12 Ver depoimento completo em anexo.

13 *“posso lhe garantir que de fato não objetivei causar mal-estar, choque ou repulsa em ninguém, mas, não sou ingênuo e já sabia desde o início a respeito desse potencial das imagens. O que quero dizer é que a intenção primeira nunca foi o choque – e sim questões de ordem muito mais pessoais – mas sempre soube que isso existiria para a maior parte das pessoas, ainda que não dimensionasse como hoje”.* (BRAGA, 2009). Trecho do e-mail enviado por Rodrigo Braga, em resposta ao meu contato. Recebido em 16 de junho de 2009.

a sensação de desconforto, o sentimento de repulsa e a curiosidade que o trabalho desperta na maioria dos espectadores. Na exposição de 2008, realizada na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, no Instituto de Artes/UFRGS, Rodrigo Braga foi um dos oito integrantes da mostra coletiva *Colagens Contemporâneas – cruzamentos (im)puros?*, a convite da curadora, professora Sandra Rey.

*“Quando a Sandra Rey me convidou para a coletiva achei totalmente cabível dentro do contexto de “colagens contemporâneas” mas a alertei do risco de polêmicas... Ela topou e eu – que ando mais seletivo em relação às aparições de Fantasia – também, por considerarmos ainda importante ampliar essas discussões acerca dos “limites” da prática artística e também da percepção do público e até mesmo do próprio meio artístico”.*¹⁴ (BRAGA, 2009)

O interesse ou curiosidade do público por esse tipo de proposta artística é visível no livro de presenças da Pinacoteca: em pouco mais de três semanas cerca de 400 pessoas visitaram a mostra, número elevado para a média de visitantes em exposições realizadas na Pinacoteca, visto que é uma galeria interna, localizada no primeiro andar do prédio do Instituto de Artes, portanto sem o acesso direto de quem passa pela rua, por exemplo, e pelas restrições de seu horário de funcionamento (de segunda a sexta-feira, das 10 às 18h). É claro que o volume de visitantes não se deve apenas a presença da obra de Rodrigo Braga, porém, na época da exposição, certamente foi o trabalho mais comentado pelos corredores do Instituto de Artes e mesmo em salas de aula, gerando diversas interpelações aos professores. Geralmente alheios ao recinto da galeria, os próprios funcionários e mesmo trabalhadores eventuais (na ocasião havia uma reforma no prédio), entravam exclusivamente para observar as imagens do artista, como informou a própria equipe da Pinacoteca.

*Fantasia de Compensação*¹⁵ é resultado de uma bolsa de pesquisa e criação, com a qual o artista foi premiado no 45º Salão de Artes Plásticas de Pernambuco, em 2003, concedida pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado – Fundarpe. A pesquisa teve orientação da professora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Maria do Carmo Nino e durou 12 meses, sendo que 9 deles foi dedicado para a execução e a apresentação do resultado final desta série fotográfica, no Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco, no período de dezembro de 2004 e fevereiro de 2005. Trata-se de uma sequência de 20 fotos que mostram o processo cirúrgico da retirada por completo da cabeça de um cão da raça rottweiler, da separação de algumas partes dessa cabeça que, posteriormente foram costuradas no “rosto” do artista. Com o auxílio de dois professores da UFPE, foi confeccionado um molde em silicone da cabeça de Rodrigo Braga, onde as partes do cão foram efetivamente costuradas. Rodrigo registrou todo o processo cirúrgico, que durou 6 horas. A próxima etapa foi fotografar o artista nos mesmos ângulos e posições daquelas realizadas durante a cirurgia no molde. A finalização da obra foi a montagem digital da sua imagem real sobre as fotos do molde de silicone, já com as partes do cão costuradas.

14 Trecho do e-mail enviado por Rodrigo Braga, em resposta ao meu contato. Recebido em 27 de maio de 2009.

15 Ver imagens em anexo.

O impacto visual que cada imagem desperta é imediato. Todo o processo foi fotografado e cada etapa é apresentada: o início do procedimento, a cabeça do cão separada do corpo, a retirada das partes de interesse – a saber, focinho, pelo em torno dos olhos e da cabeça e parte das orelhas –, e a costura dessas partes na suposta cabeça do artista, sendo as duas últimas imagens a montagem completa da fusão homem/cachorro, nos clássicos ângulos fotográficos: perfil e frente.

Definitivamente, em nossa cultura, esse tipo de imagem não é considerado como algo que desperte sensações agradáveis. Para muitos, procedimentos cirúrgicos, sangue e qualquer imagem relacionada a questões mais hospitalares não são necessariamente imagens para se estabelecer relações estéticas positivas, ou seja, ligadas a sentimentos de satisfação e prazer, mesmo que configure uma proposta artística. Pelo contrário, imagens de procedimentos cirúrgicos estão muito mais relacionados a sentimentos de dor e sofrimento.

Quando me refiro ao termo *relação estética*, considero a teoria do filósofo e professor¹⁶ Jean Marie Schaeffer, autor do livro *Adieu à la Esthétique* (2000). De modo bastante simplificado, segundo o autor, relação ou conduta estética é o resultado de uma atenção cognitiva, aliada a uma atitude apreciativa com a finalidade de se obter satisfação (ou insatisfação), sendo este sentimento, o regulador dessa atividade cognitiva:

“(...) para que uma atividade cognitiva seja elevada à uma conduta estética é preciso que seja acompanhada por uma satisfação relativa à atividade cognitiva. Digo satisfação, mas a apreciação pode ser entendida também como negativa, quer dizer pode se tratar de uma experiência de “insatisfação”, de desprazer (...)”¹⁷. (SCHAEFFER, 2000, p.17)

Em outras palavras, podemos olhar um objeto simplesmente, por exemplo, mas só passaremos a estabelecer uma conduta estética em relação a ele, quando esse olhar passar a ser apreciativo e despertar um sentimento de satisfação ou insatisfação que regule tal atividade cognitiva. Esse processo pode ser espontâneo ou intencional. No caso de obras de arte, a conduta estética é, geralmente, intencional uma vez que, culturalmente, buscamos a arte como fonte de prazer e satisfação. Considerando ainda, de acordo com Schaeffer (p.15), que *“(...) o que importa para definir uma conduta estética não é o objeto, mas a atitude que se adota frente a ele”¹⁸*, é possível compreender o porquê da conduta estética estabelecida em relação a obra *Fantasia de Compensação* ser considerada negativa para tantas pessoas, como revelam as mensagens coletadas, já que o tipo de sentimento mais frequente que regula a atividade cognitiva/apreciativa, nesse caso, é a insatisfação, o desprazer e a repulsa.

Quando um sentimento negativo regula a atividade cognitiva, resultando em uma conduta

16 Diretor de pesquisa do departamento de Artes e Estética da *École des Hautes Études en Sciences Sociales* – Paris.

17 *“(...) pour qu’une activité cognitive relève d’une conduite esthétique, il faut qu’elle soit accompagnée d’une satisfaction prise à l’activité cognitive elle-même. Je dis satisfaction, mais l’appréciation peut bien entendre aussi être négative, c’est-à-dire qu’il peut s’agir d’une expérience de “dissatisfaction”, de déplaisir. (...)”*. Tradução livre da autora.

18 *“(...) que ce qui importe pour définir une conduite esthétique ce n’est pas son objet mais l’attitude qu’on adopte face à lui”*. Tradução livre da autora.

estética negativa, o autor observa que a consequência mais frequente é a manifestação dos julgamentos estéticos que traduzem esse sentimento. Considero mais adequado apenas salientar que se observa que apreciações negativas parecem despertar maior desejo de expressar o desprazer gerado, enquanto a satisfação positiva parece contentar-se em si mesma:

*“(...) uma maneira econômica de se descarregar de uma frustração é de exteriorizar, quer dizer de exprimir verbalmente, ainda que de maneira puramente mental. Isto significa que de tais julgamentos elementares o uso privado tem uma função expressiva, em vez de argumentativa. É que, quando um objeto (compreende uma obra de arte) me causa desprazer estético, meu problema não é geralmente me convencer que tenho razões válidas de não gostar (bem que posso evidentemente ter contextos particulares onde isto é meu problema), mas de exprimir meu rancor.”*¹⁹ (SCHAEFFER, 2000, p.53)

Podemos observar, assim, que os julgamentos estéticos, de acordo com Schaeffer (p.50), são consequências das condutas estéticas, ou seja, é um ato avaliativo que só existe após a vivência de uma experiência estética e, por serem resultados de uma experiência cognitiva/apreciativa e individual, só existem quando são manifestados.

Partindo desse pressuposto, é possível perceber a validade das considerações de Schaeffer para esse estudo, quando analisamos os dados coletados na internet – e-mails enviados ao artista e comentários em blogs. A esmagadora maioria das mensagens reflete o caráter expressivo do julgamento estético para esse tipo de público, ou seja, pode ser considerada muito mais como uma maneira de expressar o sentimento de indignação e revolta em relação à obra e ao artista, do que configurar uma avaliação reflexiva sobre o trabalho. Em geral, conforme Schaeffer (p.51) esse tipo de público, que não possui vínculo profissional com o campo da arte, não busca uma conduta estética com a finalidade de formular um julgamento de gosto. Tal julgamento acontece como resultado da relação estética estabelecida com um objeto ou alguma situação, seja ela qual for. Nesse sentido, considerando que o julgamento de gosto está intimamente relacionado com o tipo de experiência vivenciada, é interessante observar também as considerações de Ranier Rochlitz²⁰. Podemos pensar que as justificativas dessa ordem se referem a questões muito mais subjetivas, do que exatamente a uma racionalidade estética, ou seja, a uma faculdade crítica de avaliação:

“Que uma obra seja sucesso ou fracasso, isso pode se justificar racionalmente, se ela me toca ou não, isto se refere a um outro tipo de discurso. Este tipo de preferência legítima escapa a racionalidade estética no sentido exato e só se refere as razões do engajamento pessoal

19 *“(...) une façon économique de se décharger d’une frustration est de l’extérioriser, c’est-à-dire de l’exprimer verbalement, fût-ce de manière purement mentale. Ce qui signifie que de tels jugements élémentaires à usage privé ont une fonction expressive plutôt qu’argumentative (...) C’est que, lorsqu’un objet (y compris une oeuvre d’art) me cause du déplaisir esthétique, mon problème n’est généralement pas de me convaincre moi-même que j’ai des raisons valables de ne pas l’aimer (...), mais d’exprimer mon dépit.”* Tradução livre da autora.

20 Filósofo alemão. Foi pesquisador do *Centre National de la Recherche Scientifique*, em Paris. É autor do livro *Subversion et Subvention – Art Contemporain et Argumentation Esthétique*. Paris: Éditions Gallimard, 1994.

*que cada um pode invocar em favor de suas avaliações e de seus gostos particulares*²¹.
(ROCHLITZ,1994, p.18)

Portanto, diferente do julgamento argumentativo e de destinação pública proposto pelos críticos e/ou especialistas estudiosos da arte (em função de sua própria atividade profissional), o julgamento estético dessa amostragem de público estudada, no caso específico do conteúdo das mensagens coletadas para essa pesquisa, apenas expressa o resultado da conduta estética, geralmente negativa, estabelecido com a obra. É claro que qualquer pessoa pode formular julgamentos mais complexos em relação ao objeto/situação sobre a qual está colocada sua atenção cognitiva, porém não é o que se observa na base de dados analisadas aqui.

Se o segmento de público estudado nesse contexto manifesta seus julgamentos resultantes da conduta estética estabelecida em relação à obra *Fantasia de Compensação* e se tais julgamentos são resultados de experiências estéticas individuais, podemos observar então que os critérios avaliativos, nesse caso, são de ordem pessoal e dizem respeito ao grau de importância desse contato pessoal com a obra. Sob essa perspectiva, é importante ter em conta a relação entre a atribuição de valor por parte desse público e o julgamento manifestado por ele. Segundo Schaeffer:

*(...) no julgamento estético, a aprovação ou a desaprovação – e então o valor positivo ou negativo dado ao objeto – estão inseridos no (des)prazer que é causado pela atenção cognitiva, tanto quanto este (des)prazer funciona às vezes como fator de regulação e como critério.*²² (SCHAEFFER, 2000, p.56)

Se a atribuição de valor está diretamente relacionada à aprovação ou desaprovação, ou seja, ao sentimento de prazer ou desprazer gerado pela conduta estética, então podemos pensar que o sentimento regulador da atividade cognitiva regula também a natureza do valor atribuído ao objeto. Nesse sentido, os valores são subjetivos, pois se referem a uma formulação pessoal, a um julgamento estético decorrente de uma conduta estética individual. Sendo assim, *“as propriedades que os julgamento de gosto atribuem aos objetos são predicados de valor; todo julgamento estético situa então seu objeto numa escala de valor ou ainda propõe que o objeto em questão possua tal ou tal qualidade (des)valorizante*²³. (SCHAEFFER, 2000, p.57). Porém, os valores atribuídos podem ser também de natureza coletiva, ou seja, relativos a *“intencionalidades dos fatos sociais”* (SCHAEFFER, 2000, p.58).

21 *“Qu’une oeuvre soit réussie ou ratée, cela peut se justifier rationnellement; qu’elle me parle ou non, cela relève d’un autre type de discours. Ce type de préférence légitime échappe à la rationalité esthétique au sens strict et ne relève que des raisons qui n’engagent personne et que chacun peut invoquer en faveur de ses évaluations et de ses goûts particuliers.”* Tradução livre da autora.

22 *“(…) dans le jugement esthétique, l’approbation ou la disapprobation – et donc la valeur positive ou négative accordée à l’objet – sont enchâssées dans le (dé)plaisir qui est causé par l’attention cognitive pour autant que ce (dé)plaisir fonctionne à la fois comme facteur de régulation et comme critère.”* Tradução livre da autora.

23 *“(…) les propriétés que les jugements de goût attribuent aux objets sont des prédicats de valeur; tout jugement esthétique situe donc son objet dans une échelle de valeurs, ou encore affirme que l’objet en question possède telle ou telle qualité (dé)valorisante.”* Tradução livre da autora.

O autor diferencia assim os valores estéticos dos valores morais. Essa distinção proposta por Schaeffer é baseado nas teorias do professor e filósofo norte-americano Jonh Searle²⁴, e são considerações bastante relevantes no contexto desse estudo, já que *Fantasia de Compensação* aborda tanto questões inerentes aos valores individuais, quanto questões de ordem moral, referentes às regras estabelecidas socialmente e, portanto, coletivas:

“O valor estético não é somente um fato ontologicamente subjetivo, mas é de função individual, já que tem sua fonte na qualidade subjetiva de um estado mental. Os valores morais, por outro lado, são fatos de intencionalidade coletiva, já que são fundados em normas instituídas cuja referência é intrinsecamente coletiva, supra-individual. Resumindo: todos os valores são relativos às atitudes, então são fatos ontologicamente subjetivos, mas não são todos subjetivos no sentido de serem individuais, mesmo se por outro lado todas só existirem enquanto individualizados como estado mental exprimido pelos indivíduos”²⁵. (SCHAEFFER, 2000, p.58)

Analisando os conteúdos das mensagens coletadas da internet é possível notar que a maioria das pessoas atribui tanto predicados de valor estético, considerados aqui como valores de natureza subjetiva e individual, como predicados de valores morais, de ordem coletiva, referentes aos valores morais estabelecidos em sociedade. Isso porque em um único e-mail podemos notar a presença de palavras que expressam o sentimento gerado pela relação estética, bem como considerações relacionadas ao convívio coletivo. Para exemplificar essa mistura de valores a que me refiro, selecionei um e-mail, recebido pelo artista de uma pessoa familiarizada com o sistema de arte, pois se apresentou como uma estudante de Artes Plásticas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, cujo conteúdo é menos agressivo e mais elaborado do que a maioria dos e-mails recebidos por Rodrigo Braga e uma outra mensagem mais representativa da indignação manifestada e mais próxima do tipo de julgamento recorrente nesse recorte estudado:

Sent: Friday, May 09, 2008 11:05 AM

Subject: En:Importante

Caros,

Sou estudante de Artes Plásticas da UFRJ e me causa tamanha estranheza uma dita galeria ter dentre seus expositores, Rofrigo Braga. Por favor, arte nunca é não será aquilo. Td bem q arte não se define, ela varia de acordo com época e cultura, mas daí pegar um animal (cão) que, em nossa cultura, é tão amado e tem sentimentos, e dissecá-lo e fazer aquela aberração achando que é arte, para mim é absurdo. O artista utiliza seu talento intrínseco para produzir sua obra. O que será q esse ser que se auto intitula artista, tem em seu interior? O pior é

24 John Searle é um dos mais importantes filósofos contemporâneos. Dentre suas teorias de maior destaque está seu estudo sobre a intencionalidade.

25 *“La valeur esthétique est non seulement un fait ontologiquement subjectif, mais elle est par-dessus le marché individuelle, puisqu'elle a sa source dans la qualité subjective d'un état mental. Les valeurs Morales en revanche sont des faits d'intentionnalité collective, puisqu'elles sont fondées sur des norms instituées dont la référence est intrinsecamente collective, supra-individuelle. En résumé: toutes les valeurs sont relatives à des attitudes, donc sont des faits ontologiquement subjectifs, mais toutes ne sont pas subjectives au sens où ells seraient individuelles, meme si par ailleurs toutes n'existent qu'en tant qu'elles sont individualisées comme états mentaux exprimés par des individus.”* Tradução livre da autora.

saber que, numa visão onde a sociedade é um coletivo, a mesma apreciando algo de péssimo gosto e de péssima criação como o feito pelo “artista” em questão, está se intitulado uma sociedade desraigada de seus valores. A honra ou ao gosto por determinada arte, indica o tipo de moral que a sociedade exerce. Vocês gostariam de criar seus filhos numa sociedade assim? A verdadeira essência da arte e a do artista poder transformar a realidade de acordo com seus ideais e pensamentos. O que este dito “artista” está querendo transformar?? Para mim e para milhares de pessoas ele é péssimo. Abomino o fato desta galeria expor seus “trabalhos”. Não só eu, como milhares de outras pessoas.

Espero que, por abrigar algo de suma importância para nossa cultura e para nossa história enquanto sociedade, vocês retirem essa pessoa da exposição. Boicoto todos os seus trabalhos.

Sem mais,

(e-mail enviado ao artista e à Galeria Amparo 60, de Recife)²⁶

Sent: Saturday, April 26, 2008 3:46 PM

Subject: Protesto

Sr. Rodrigo,

Somente alguém que tenha perdido completamente o senso de convívio social e de relação com o mundo – além do que existe dentro de cada um – é capaz de chamar essa atrocidade de “Fantasia de Compensação” de arte.

Se isso é arte, faça questão de morrer tosca, burra e cega.

Infelizmente já são 4 anos dessa estupidez que você intitula como fantasia, e espero sinceramente que isso não tenha feito nenhum sucesso ou vou ter que desconfiar da sanidade mental de mais alguns tantos seres humanos.

Uma sugestão: em vez da cabeça de um cão, ponha a cabeça de outra pessoa. Ou, então, ponha uma melancia.

Lamentável.

(e-mail recebido pelo artista)

Considerando o teor das imagens que compõem a série *Fantasia de Compensação*, ou seja, a referência ao processo cirúrgico da fusão rottweiler/ser humano é comum a revolta pelo uso do corpo do animal sem uma finalidade que justifique a ação do artista e, com base nos dados coletados, a proposta artística não é aceita como justificativa desta ação pela maioria das pessoas que divulgaram suas opiniões na internet. Ao contrário, é um comentário bastante recorrente e que gera muita repulsa no espectador. Socialmente, é mais comum que se aceite esse tipo de imagem exposta, com menos reações adversas, se a finalidade de tal procedimento for a recuperação da saúde da pessoa ou animal submetido à cirurgia, ou o estudo da anatomia, ou o desenvolvimento de alguma pesquisa científica com o objetivo de encontrar a cura de alguma doença, ou melhorar a vida da população de alguma maneira. E, ainda assim, é possível que as pessoas reajam de forma agressiva e manifestem suas opiniões contrárias aos experimentos científicos que utilizam animais, mesmo que seja em busca da cura de doenças, como descreve o autor Marcelo Leite, no recente artigo *Macacos verdes me mordam*²⁷, publicado no jornal Folha de São Paulo, em 31 de maio deste ano. Não estou dizendo aqui

²⁶ A Galeria Amparo 60 dedica-se a divulgação e inserção dos artistas contemporâneos pernambucanos no mercado das artes e tem Rodrigo Braga como integrante de seu quadro de artistas.

²⁷ Nesse artigo, Marcelo Leite aborda a falta de bom senso em comentários publicados na internet, sobretudo em blogs. Para tanto, o autor reeditou uma experiência, publicando no blog *Ciência em Dia*, uma notícia sobre um estudo científico realizados em macacos, com objetivo de pesquisar doenças como Alzheimer e Parkinson, que mesmo com uma finalidade

que, tendo uma finalidade justificável e aceitável socialmente, imagens deste tipo percam seu caráter repulsivo. Quero dizer que a finalidade social aceitável pode amenizar a revolta, sem que isso elimine o sentimento de repulsa que possam gerar.

Apesar de imagens cirúrgicas serem usadas como prática artística por alguns artistas é fato que, de modo geral, grande parte dos indivíduos que compõem nossa sociedade não possui o hábito de aceitá-las como arte, pelo menos não dessa forma tão explícita como Braga propõe, por exemplo. Materiais orgânicos como o sangue ou partes de animais já foram utilizados na arte e são perfeitamente passíveis de se estabelecer algum tipo de relação estética positiva ou, mesmo negativa, com o espectador. Tudo depende da forma como esses materiais são utilizados e apresentados ao público. Exemplo disso são as obras da artista Karin Lambrecht que utiliza sangue em sua produção artística e, nem por isso, desperta a mesma revolta por parte do espectador (pelo menos, não que se tenha conhecimento por manifestações acaloradas e revoltadas circulando na internet). Em 2001, a artista realizou uma



Karin Lambrecht
Sem título, 2001
Instalação com vestidos brancos, sangue de carneiro,
impressões de vísceras de carneiro sobre papel e
fotografia de mãos segurando víscera.

instalação composta por uma série de vestidos brancos, manchados por sangue proveniente do abate de carneiros (para consumo da carne), juntamente com a marca das vísceras dos animais gravadas como carimbos em papéis e uma fotografia em preto e branco de mãos segurando víscera.

Apesar de utilizar materiais orgânicos tão explícitos quanto Rodrigo Braga, a forma como Karin Lambrecht utiliza esses materiais é decisiva para o tipo de reação ao seu trabalho. A começar que o sangue é usado como se fosse tinta, mesmo que as manchas sejam fruto do acaso, já que a artista apenas ampara o sangue do animal com o tecido. O resultado plástico é forte pela presença do referencial do corpo humano através da forma do vestido e da presença do sangue, porém a questão da morte do animal não fica tão explícita, como nas imagens de *Fantasia de Compensação*.

Mesmo a fotografia de mãos com víscera, componente dessa instalação de Karin Lambrecht, pode ser interpretada de forma mais amena pela ausência da cor e pelo ângulo da foto. É importante

específica para a melhoria da qualidade de vida do ser humano, gerou protestos contra a pesquisa, manifestados em comentários irrefletidos e total falta de bom senso daqueles que expressam sua indignação na internet.

considerar ainda que a escolha do animal também pode influenciar no julgamento moral do público leigo. Karin optou por usar sangue de carneiro, animal popularmente abatido para o consumo de carne. Por esta finalidade comum em nossa sociedade, a relação afetiva das pessoas com esses animais é completamente diferente daquela estabelecida em relação a animais domésticos. Em nossa cultura não existe o hábito de comer carne de cachorro, ou seja, não são animais de abate. Pelo contrário, são animais domésticos, com alto grau de relação afetiva com seres humanos.

Considerando a obra de Rodrigo Braga, a escolha do corpo de um cachorro, a maneira explícita com que ele apresenta e utiliza a matéria orgânica deixa pouco espaço para que se estabeleça uma relação estética positiva inicial com a obra, sobretudo em uma cultura em que não há o hábito de se usar corpos, inclusive de animais, sem um propósito justificável definido, nem de ver esse tipo de imagem como arte. No caso do carneiro de Karin, a morte do animal é justificada pelo consumo de sua carne; já o rottweiler de Rodrigo, tem sua morte justificada pelo Centro de Controle de Zoonoses de Recife, porém, analisando a maioria dos comentários coletados, essa justificativa não significa a aceitação da utilização do corpo do cachorro para fins artísticos:

Sent: Monday, May 26, 2008 8:38 PM

Subject: absurdoooooo!!!

é isso que vc chama de arte?????????

vc já teve algum animal de estimação?

se teve, não gostava dele, nem tinha o menor respeito, né?

vc não sabe o que é arte...

não sabe o que respeito...

não sabe o que o amor incondicional de um animal...

não sabe nem o que vc é...

eu sei: UM INÚTIL QUE QUER APARECER...

tomara que um dia vc seja tão ridicularizado quanto os animais que passaram na sua mão!!

a diferença é que eles são INOCENTES!!!!

(e-mail enviado ao artista)

Sent: Monday, May 26, 2008 6:43 PM

Subject: Re: ABSURDO + UM "ARTISTA" MATANDO OS ANIMAIS (PE)!!!VAMOS PROTESTAR

Rodrigo,

Isso que você faz é crime!!!!!! Os animais sentem dores que nem nós!!!!!! Sinceramente, os animais são mais dóceis que certas pessoas que se dizem seres humanos. Seres humanos, ah, tem muita gente que nem merece ser chamada de humano, por exemplo você!!!! Que absurdo fazer isso com os animais. Você não tem piedade da dor que eles sentem? Você não tem pena de fazer o que faz? Precisamos denunciar gente como você!!!!!! Vamos fazer isso, tenha certeza!!!!!!

Deixo aqui este recado indignado e revoltado contra seus cruéis atos!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

(e-mail enviado ao artista)

“De outro lado, temos um sujeito que se diz artista e trata cachorros mortos como coisas, brincando de recortar e colar, SEMNENHUM PROPÓSITO”²⁸ (<http://www.contraditorium.com/2008/06/21/tive-uma-idia-vamos-esquartejar-a-me-do-rodriga-braga/>)

As razões do artista para a escolha em usar um corpo real para a composição da obra são completamente particulares e psicológicas e só dizem respeito ou fazem sentido completo para ele. No depoimento *Dos bastidores de um auto-retrato*²⁹, publicado em seu site, Rodrigo relata seu processo de criação para a realização desta obra, deixando claro suas motivações pessoais.

“Hoje o percebo [o trabalho Fantasia de Compensação] como algo que vai além da obra acabada, para mim é como o desenrolar de uma catarse, uma vez que é um auto-retrato e envolve questões psicológicas que me são caras.”

“(…) ainda não me vejo como um rottweiler, mas às vezes acho que precisaria ser... Gostaria de intensificar esse meu lado mais masculino e afirmativo, não de forma violenta, mas um pouco mais corajosa e confiante. De qualquer forma, passei de um ser que se sentia completamente inútil e insignificante no mundo a alguém que atua e se sente parte desse coletivo tão complexo”. (BRAGA, 2005)

Tais razões não são explícitas no trabalho. Para conhecê-las é preciso que o espectador esteja disposto a procurá-las em outro lugar, fora do ambiente expositivo, mais especificamente, na internet. É preciso disposição para acessar e entender tais razões, para que a ação se justifique de alguma maneira.

“A apreensão e a apreciação da obra dependem tanto da intenção do espectador que, por sua vez, é função das normas convencionais que regem a relação com a obra de arte em uma dada situação histórica e social, como da aptidão do espectador em conformar-se a estas normas, vale dizer, de sua competência artística”. (BOURDIEU, p.271, 2005)

A capacidade do público leigo para estabelecer uma relação estética positiva, ou seja, regulada pelo sentimento de satisfação com um objeto ou imagem depende não só das crenças e conceitos particulares sobre tal objeto, como também das regras e contexto social vigentes. *“Por razões históricas complexas, o Ocidente separa muito radicalmente o domínio de utilidade do campo daquilo que pode dar lugar a uma conduta estética.”³⁰ (SCHAEFFER, 2000, p.25).* Essa separação do que pode e do que não pode dar lugar a uma conduta estética é extremamente presente em nossa sociedade. Em nossa cultura, corpos de animais ou humanos podem ser aceitos como materiais de estudo, mas não são considerados apropriados para qualquer finalidade. Há um respeito pela estrutura física, sobretudo se for um corpo sem vida. Essa questão é, praticamente, um tabu. Os rituais funerários são considerados

28 Trecho do post publicado em 21 de junho de 2008. O conteúdo é completamente parcial e revoltado. Obteve 70 respostas e manifestações de apoio, incluindo ameaças explícitas ao artista Rodrigo Braga. Acessado em 23 de abril de 2009.

29 Ver depoimento completo em anexo.

30 *“Pour des raisons historiques complexes l’Occident sépare assez radicalement le domaine de l’utile du champ de ce qui peut donner lieu à une conduite esthétique”.* Tradução livre da autora.

sinalizadores da humanidade e da sociedade e envolvem valores e rituais extremamente marcantes, que podem, inclusive, revelar características específicas de determinada cultura. A utilização de cadáveres como base para desenvolvimento artístico pode transgredir valores sociais e gerar sentimentos de repulsa ou revolta se o propósito da obra não ficar claro e se tais propósitos não se justificarem dentro das normas históricas ou sociais em vigor. A ampla maioria dos comentários coletados sobre a obra *Fantasia de Compensação* reflete que a maior causa de rejeição ao trabalho é justamente a finalidade e a maneira como o artista utiliza o corpo do animal.

A utilização do corpo humano como superfície ou matéria principal em produções artísticas é mais comum e de maior aceitação popular, tanto pelo tempo em que esse tipo de expressão é legitimada pelo sistema artístico, quanto pelo fator de consciência e responsabilidade do artista em utilizar-se como arte, mesmo que a performance seja inacessível para o público.

Rodrigo Braga considera tanto o próprio corpo, quanto corpos de animais como matéria para sua produção artística. O artista possui outra série fotográfica em que utiliza seu corpo e partes de animais como elementos principais para composição das imagens, porém com menos reações adversas. A série *Da Alegoria do Perecível*³¹ (2005), analisando friamente, possui os mesmos elementos que compõem a série *Fantasia de Compensação*, ou seja, são fotografias em que o artista mescla seu rosto com partes de corpos de animais, desta vez, amarrados e sem o recurso da manipulação digital. Mas por que essa série causa menos reações revoltadas do que a série *Fantasia de Compensação*?

As fotos da série *Da Alegoria do Perecível* são ampliadas em grandes formatos e também causam impacto, a primeira vista, tanto por suas dimensões, quanto pelos elementos que compõem a imagem. A diferença está na maneira como esses elementos orgânicos foram trabalhados. Por mais que o artista utilize partes de corpos de animais nessa série, são partes de animais comuns ao nosso hábito de comer carne. Além disso, são utilizados pedaços normalmente descartados, considerando o aproveitamento para corte, ou seja, são patas de galinha, pé de pato, pata de vaca, bico de aves, orelhas de coelho, rabo de peixe. Outro fator que possivelmente influi no tipo de sentimento gerado pela conduta estética em relação a esta obra é que essas partes estão amarradas ao seu rosto, num processo menos agressivo e, a princípio, indolor. Também não são os únicos elementos que formam a composição. O artista utiliza outros materiais como fios, plantas, flores e tecidos.

Um relato de uma mediadora durante a exposição das obras *Da Alegoria do Perecível* e *Comunhão*, no Itaú Cultural, em 2006, exemplifica o sentimento dúbio de repulsa e encanto que estas obras despertam no espectador sem, no entanto, gerarem a revolta tão característica das manifestações em relação à *Fantasia de Compensação*:

(...) com relação ao público, as fotos causam uma reação de repugnância e atração ao mesmo tempo, a dúvida da veracidade, etc. Mas ao mesmo tempo muitas pessoas acham o trabalho belíssimo, uma mulher dizia, 'Tão lindas, tão repugnantes...', um senhor bem

31 Ver imagens em anexo.



Comunhão I, 2006
Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos

simples, vendedor de pano de prato, deu uma volta e disse, 'cultura, minha filha, esta é uma relação com a cultura', hoje duas crianças ficaram imitando a sua pose com o bode, ficaram colocando cabeça com cabeça, foi bonito, no final falaram, 'parece que o melhor amigo do homem é o bode e não o cachorro'. Outra turma de crianças ficou dando nome aos seres (Da Alegoria do Perecível), 'coeixe, peicoelho, ropeixe', todas pensando que seres híbridos seriam aqueles, etc.' (BRAGA, In. 2009, p.100)³²



Da Alegoria do Perecível, 2005

Apesar de usar outros materiais em conjunto com matéria orgânica, esse trabalho também causa repulsa/nojo, porque continua sendo partes de corpos de animais aplicados fora do contexto que estamos habituados a vê-los e, além disso, culturalmente matéria orgânica, dependendo da maneira como é apresentada causa aversão. Porém, essa série possui elementos mais próximos de se estabelecer uma relação estética menos negativa, já que o que é apresentado ao público é a composição pronta, finalizada, não o processo cirúrgico de obtenção de cada parte dos animais, nem o processo de colocá-los no rosto do artista.

Pode parecer um argumento ingênuo ou subjetivo, mas que de fato faz diferença na fruição e se aproxima mais com o que estamos habituados a encontrar em uma galeria de arte contemporânea, considerando composições fotográficas e museografia. É claro que podemos encontrar – e de fato encontramos – vários trabalhos contemporâneos em que o processo é ao mesmo tempo o trabalho apresentado. A questão não é a apresentação do processo para se chegar num resultado, mas no caso específico da obra *Fantasia de Compensação*, é o teor desse processo.

Apesar de possuir elementos aversivos, a primeira vista, a série *Da Alegoria do Perecível* possui outros elementos estéticos que se sobrepõe à matéria ou, pelo menos, equilibra o sentimento repulsivo. Pode-se estabelecer uma relação estética negativa com esse trabalho, cair na esfera do gosto, mas não se questiona nem a legitimação, nem o valor artístico dessa produção, como acontece em relação a obra *Fantasia da Composição*.

No caso da série estudada, nos é apresentado uma sequência fotográfica que representa o processo de uma intervenção cirúrgica, numa montagem excêntrica e ficcional. A matéria prima utilizada foi o corpo de um animal. Esse fator é o mais marcante como desencadeador do sentimento de repulsa e revolta

32 FERREIRA, Glória; PESSOA, Fernando (org.). In. *Criação e Crítica – Seminários Internacionais Museu Vale* 2009.

gerado pela relação estética estabelecida com a obra. O julgamento moral em relação ao uso do corpo do animal, por sua vez, é o mais frequente, acredito que, não só pela relação afetiva homem/animal de estimação, como pelo respeito cultural ao uso do corpo. Ainda em relação ao uso do animal nesse trabalho, outro ponto moral bastante mencionado nas mensagens é a forma como esse corpo foi conseguido, ou seja, se o artista matou o cão propositalmente para a realização da obra. É sabido que Rodrigo Braga buscou autorizações junto aos órgãos competentes para a obtenção do corpo de um cachorro para fins artísticos, autorização esta, devidamente concedida pelas autoridades locais. O cachorro foi recolhido pelo Centro de Zoonoses de Recife, ficando a espera dos donos por 40 dias. Findo este prazo, sem que ninguém viesse buscá-lo, inevitavelmente, o cão seria sacrificado – e de fato foi – como parte de um procedimento padrão de controle de doenças transmissíveis a população. Tudo isso está explicado por meio de textos publicados no site do artista, inclusive por meio de uma nota de esclarecimento³³ específica sobre este assunto. Ainda assim, a forte questão moral envolvida no ato de matar um ser vivo fica explícita nas mensagens coletadas através de julgamentos morais que expressam todo o repúdio social relacionado à este ato em si. Sobre esse tipo questão moral relacionada ao juízo de valor, é interessante observar as considerações de Arthur Danto. Para o autor:

“O conceito de perversão carrega uma conotação tão forte de juízo de valor que abre espaço para a aplicação de imperativos: há coisas que nos provocam reações que não deveríamos ter e coisas às quais deveríamos reagir mas não conseguimos; existe uma fraqueza estética assim como existem fraquezas morais (...).” (DANTO, 2005, p.156)

Considerando a obra em questão, as reações manifestadas e estudadas aqui, refletem justamente a força desse juízo de valor. O fato de estar em um ambiente expositivo, não altera a condição da matéria do corpo do cachorro. Não há dúvidas do que se vê nesta série de fotografia que, nesse caso, assume todo seu potencial de índice da verdade pelo realismo expressado em cada imagem, mesmo naquelas que são resultados de manipulações e montagens digitais e, justamente por essa razão, não deveriam ser tomadas como *índice da verdade*. É a foto da cabeça de um cão, ou seja, a prova de um fato que realmente aconteceu. O momento da dúvida chega ao final da sequência das fotos, quando o artista apresenta seu rosto com as partes do cão costuradas. Será que alguém realmente teria a coragem de costurar partes de um cachorro no próprio rosto, fotografar e mostrar depois? Além de ir contra e ultrapassar todos os princípios físicos e morais das crenças sociais, a dificuldade de discernimento está no processo de trabalho do artista. Parte das imagens foram manipuladas digitalmente, mas parte delas são registros de um procedimento que realmente aconteceu. Essa composição de imagens originais e imagens alteradas, juntamente com a habilidade do artista em manipular essas imagens, potencializa a força do trabalho. Se fosse apresentado ao público apenas as três últimas fotografias, ou seja, apenas as imagens da fusão cachorro/artista, provavelmente,

33 Em anexo.

não haveria espaço para dúvidas quanto a veracidade da imagem. Sem a sequência que retrata o processo cirúrgico, seria praticamente automático reconhecer o trabalho como uma montagem digital. Se diante do impacto das imagens o espectador se esquecer de ler a etiqueta, onde está escrito que se trata de manipulação de imagem e ninguém contar sobre essa parte do processo, é perfeitamente possível ter dúvida sobre a verdade das fotos.

“À parte esse tipo de perversão, pode-se dizer com segurança que quanto maior o grau de realismo pretendido maior a necessidade de indicadores externos de que se trata de arte e não de realidade, os quais se tornam tanto menos necessários quanto menos a obra é realista.” (DANTO, 2005, p.62)

Amplamente divulgada em ambientes virtuais, ao realismo desta série fotográfica soma-se, geralmente, um tipo de informação tendenciosa e desconexa, que nem sempre indica claramente que não se trata de realidade. Isto explica os comentários que refletem a credibilidade daqueles que apenas viram e leram os textos que acompanham as imagens que circulam pela internet.

*Sent: Thursday, May 22, 2008 11:44 AM
Subject: “fantasia” de cachorro*

*Prezados Senhores,
Venho por meio deste prestar meu repúdio com esta “obra” de Rodrigo Braga.
Trabalhamos com entidades de proteção aos animais e achamos uma barbárie o que foi feito.
Chama a isso de arte? Assinar³⁴ uma inocente criatura e andar com seus pedaços por aí?
Entraremos com recurso junto ao Ministério Público contra esse absurdo, para que não se repita. Isso é um péssimo exemplo para nossos jovens e uma vergonha para a Sociedade.
Atenciosamente,
(e-mail enviado ao artista)*

• *19. sahzão | Maio 5, 2008 at 11:15 pm
como ele deve comer ?*

• *61. marcello | Maio 7, 2008 at 5:16 pm
tomara que infeccione tudo e ele morra
(respostas ao post publicado no blog Curiosidades na Net³⁵)*

Apesar de possuir um conteúdo eticamente questionável, de gerar impactos negativos na maioria das vezes, de possuir questões além de qualidades técnicas e formais, trata-se de arte. Tanto a etiqueta, quanto o local onde o trabalho é fisicamente apresentado são indicadores desse fato. É um trabalho legitimado pelo sistema, aceito em instituições importantes e reconhecidas, tanto no Brasil, quanto no exterior, produzido por um artista reconhecido e premiado. O fato de se estabelecer relações negativas com a obra não a desqualifica enquanto arte. Como observa Danto:

34 Mantive a grafia original do e-mail, mas acredito que a pessoa quis dizer assassinar e não assinar como está grafado acima.

35 Idem, p. 15

“Mas me parece que a apreciação estética também inclui considerações negativas: certas obras de arte nos causam repulsa, nojo ou até náusea. Limitar a aplicação do epíteto “obra de arte” aos objetos avaliados favoravelmente é como dizer que as considerações morais só são pertinentes a pessoas que tenham um “mínimo de valor ou mérito potenciais”.(...) Portanto, a “apreciação”, pelo menos a de ordem estética, pode ser negativa (...). O que me surpreenderia é que a apreciação estética negativa implicasse que as coisas assim avaliadas não podem ser obras de arte.” (DANTO, p.148, 2005)

Considerando a parcela de público estudada aqui, a atribuição de valores negativos distantes daqueles positivos, culturalmente atribuídos às obras de arte, bem como o hábito sócio/cultural de considerar arte apenas aquilo que nos traz prazer e bem-estar, acaba por provocar um questionamento automático da validação da obra enquanto arte, fato extremamente presente nesses comentários. A maior parte das manifestações coletadas ou questionam a obra enquanto arte, ou mesmo afirma que não se trata de arte. A forma como esse questionamento aparece nas mensagens coletadas reflete, na verdade, muito mais a indignação com o trabalho e com o artista, do que questionamentos, aprofundados ou não, relativos a um *conceito* sobre o que deve ser uma obra de arte.

Sent: Friday, May 23, 2008 5:02 PM

Subject: Fantasia de compensação

Extremamente de mal gosto este seu “trabalho” que você considera “arte”. Não importa se o animal já estava morto, o que você fez pode influenciar na violência contra animais. Quem quer ver um cão todo cortado? Arte não é brincar com o corpo de animal nenhum, esteja ele vivo ou morto.

O fato do cão já estar morto, não diminui em nada o horror que você cometeu.

Eu penso que você deveria procurar ajuda psiquiátrica, porque algum transtorno você deve ter - e não estou sendo sarcástica. A partir do momento que você descobre estar fazendo arte, sentindo prazer, com algo tão repulsivo, é porque talvez tenha algum problema mal resolvido. Talvez você tenha encontrado uma maneira única de chamar atenção, pois precisa disso, porque artista você não é. E se continuar assim, nunca será. Pense bem.

Sent: Wednesday, November 05, 2008 12:11 AM

Arte???? Onde???? Quantas pessoas conhecem e concordam com o seu tipo de trabalho???? (trecho de uma das mensagens enviadas ao artista)

Sent: Saturday, June 21, 2008 1:40 PM

Subject: Arte?

Isso é arte? Fazem de tudo para aparecer ... deprimente. (e-mail enviado ao artista)

Sent: Saturday, May 31, 2008 1:15 PM

Subject: arte????

MEU FILHO TE INTERRRRAAAA

TU CHAMA ARTE ISSO QUE TU FAZ??? MELHOR REVER TEUS CONCEITOS

ISSO EH DOENCAAAAA... O QE TU FEZ PRINCIPALMENTE COM O CACHORRO EH CRIME SEU DOENTE!!!

(e-mail enviado ao artista)

No caso de *Fantasia de Compensação*, não é apenas a atribuição de valores negativos e o uso do cachorro como matéria prima que incita esse questionamento. A atitude do artista também é um fator muito presente nas manifestações coletadas, mesmo quando, o teor da mensagem deixa explícito que a pessoa nunca viu a série completa, como nem sequer se deu ao trabalho de entrar no site do artista e ler o que ele tinha a dizer sobre sua obra. Para a socióloga francesa Nathalie Heinich, a permissividade da produção artística, em termos de uma liberdade total de criação, além de ser ilusória, geralmente não é bem aceita pelo espectador e acaba por acentuar o caráter banal, no sentido de que qualquer coisa possa ser considerado arte, atribuído pelo senso comum em relação a produção contemporânea:

*“Esta ilusão da liberdade do artista se manifesta com mais frequência negativamente, nos julgamentos de senso comum estigmatizando o ‘qualquer coisa’ da arte contemporânea, acusada de autorizar todas as fantasias, inclusive as menos artísticas.”*³⁶
(HEINICH, 1998, p.57)

Se a arte contemporânea permite a liberdade de produção dos artistas e as instituições aceitam mostrar as obras resultantes desse processo, independente do potencial repulsivo da obra – ou talvez até exatamente por esse potencial – é possível pensar que de algum modo esse tipo de produção é importante para o contexto artístico e cultural, uma vez que as exposições são organizadas por profissionais comprometidos com a coerência dos questionamentos e temas propostos e suas escolhas, normalmente, não são aleatórias. Nathalie Heinich ainda aponta outras duas funções dos museus e curadores, no âmbito social:

*“Os curadores de fato possuem uma dupla responsabilidade: com os artistas, os quais organizam a passagem para a posteridade e com a coletividade, a qual contribuem para construir o patrimônio, os valores e a memória comuns, selecionando aquilo que merece perdurar no futuro”*³⁷ (HEINICH, 1998, p.44)

Ainda que as instituições não sejam as únicas responsáveis pela legitimação do artista no cenário contemporâneo – há que se levar em consideração o contexto histórico, social, político e econômico que influenciam nesse processo – são elas que possibilitam o contato direto do espectador com a obra e seu caráter institucional é um fator de credibilidade junto ao público, de maneira geral. Sendo assim, as escolhas dos curadores assumem um papel de extrema importância junto à recepção das obras pelo público. Como admite o próprio Rodrigo Braga, não é possível ser ingênuo em relação à obra

36 *“Cette illusion de la liberté de l’artiste se manifest le plus souvent négativement, dans les jugements de sens commun stigmatisant le “n’importe quoi” de l’art contemporain, accusé d’autoriser toutes les fantaisies, y compris les moins artistiques.”* Tradução livre da autora.

37 *“Les conservateurs en effet ont une double responsabilité: envers les artistes, dont ils organisent le passage à la postérité, et envers la collectivité, dont ils contribuent à construire le patrimoine, les valeurs et la mémoire communes, en sélectionnant ce qui mérite de perdurer dans l’avenir.”* Tradução livre da autora.

Fantasia de Compensação e não considerar seu potencial provocativo, visto que as imagens tocam profundamente questões de ordem moral e, justamente por isso, comuns a maior parte das pessoas. O que não é possível dimensionar é a intensidade das reações em relação à obra. O sentimento de revolta gerado pela experiência estética com este trabalho não resultou apenas em mensagens indignadas na internet. Tanto o artista, como o veterinário responsável pelo processo cirúrgico e a professora que orientou o trabalho respondem a processos judiciais. Aqui, a simples participação da obra na exposição *Colagens Contemporâneas: cruzamentos (im)puros?*, na Pinacoteca do Instituto de Artes da UFRGS, um espaço habitualmente frequentado de forma majoritária pelos alunos e professores do curso de Artes Visuais, também resultou em um processo judicial, movido pelo Ministério Público, contra a coordenação da galeria. O intuito da ação era saber se havia dinheiro público envolvido na produção da obra.

Além disso, Rodrigo Braga foi ameaçado por telefone, conforme transcrição abaixo, (gentilmente cedida pelo artista):

Ameaça por telefone:

A ligação de ameaça de morte endereçada ao artista plástico Rodrigo Braga, partindo de pessoa não identificada, ligando dos Estados Unidos, estado da Flórida (segundo o próprio do telefone ..., às 19:03 h do dia 26 de abril de 2008, com duração de 4'20".

Resumo de transcrição:

“Rodrigo? Foi você quem matou o cachorro? Pode me explicar o que fez?

[Falei sobre a autorização para manipular o corpo do animal e também sobre o processo de confecção do trabalho, até ser interrompido]

Olha aqui seu filho da puta! Eu moro nos EUA, na Flórida e tenho dinheiro para acabar com sua vida, seu filho da puta!! Se você tivesse feito isso aqui nos EUA você já estaria preso, seu safado! Ia pegar cinco anos de cadeia. Mas nesse país de merda, onde as leis não funcionam, você está livre. Mas isso não vai ficar assim não, seu filho da puta! Sorte que eu estou indo ao Brasil daqui a um mês e vou poder lhe pegar. Eu faço parte de (...?) e tenho uns “mulatos” para me ajudar. Escreve o que estou dizendo, anota aí meu telefone... Eu vou te fuder, seu filho da puta!! Se prepare.

[Pedi calma para estabelecer um diálogo razoável e me fazer entender, o que não foi possível. Falei que não precisava estar ouvindo esse tipo de coisa e desliguei o telefone após avisar que desligaria].”

(arquivo pessoal do artista)

O alcance da obra assumiu proporções globais quando as imagens do trabalho começaram a circular pela internet. Só isso explica a ameaça de uma pessoa que mora nos EUA e que, muito provavelmente nunca viu a obra pessoalmente, uma vez que o trabalho nunca foi exposto nos EUA e a pessoa é residente naquele país. Outro fator considerável é a data do telefonema – 2008, ano de maior repercussão da obra, e provavelmente, período de maior circulação eletrônica das imagens. É deste ano o maior volume de mensagens coletadas para esse estudo. Entre as 284 mensagens eletrônicas recebidas pelo artista durante o ano de 2008, há e-mails de remetentes de várias partes do mundo, como por exemplo, Argentina, EUA, Alemanha, França, Espanha, Portugal e até mesmo da Finlândia.

A internet se tornou um território aberto e meio de expressão dos mais variados assuntos. É um espaço pouco censurado de manifestação de ideias, mesmo que sejam absurdas e sem fundamentos. A capacidade de circulação de textos e imagens através da internet explicam as manifestações tardias contra a série *Fantasia de Compensação*, realizada em 2004, mas com manifestações inflamadas publicadas quatro anos depois. Ao mesmo tempo que é uma ferramenta de pesquisa importante atualmente, mensagens eletrônicas distorcem ainda mais a realidade da produção artística de Rodrigo Braga, uma vez que as imagens desse trabalho circulam fora de contexto e incompletas. Em blogs, por exemplo, é comum comentar sobre o trabalho e colocar apenas as fotos mais chocantes para ilustrar o assunto, não passando, geralmente, de três ou quatro imagens. Não é de se admirar descobrir que entre os manifestantes mais acalorados a maioria jamais tenha visto o trabalho completo exposto numa galeria.

Conclusão

Fantasia de Compensação revelou-se muito mais do que uma obra simplesmente repulsiva, indigna de receber o selo de *arte*. Foi o seu potencial repulsivo que me levou a buscar por respostas para compreender, inicialmente, a ação do artista e a legitimação pelo sistema artístico de um trabalho tão perturbador e chocante para, no decorrer da pesquisa, considerar também a parcela de responsabilidade daquele que observa o trabalho, como agente muito mais ativo no processo de recepção da obra de arte, do que costumava considerar. A inquietação e o sentimento de indignação iniciais foram substituídos pelo interesse e o sentimento de satisfação em pesquisar esse assunto e conhecer autores e teorias que possibilitaram a compreensão de alguns aspectos relevantes que envolvem a relação público/obra repulsiva e que foram essenciais, nesse caso, para compreender também a agressividade manifestada em relação a esta obra e ao artista.

As teorias de Schaeffer sobre relação estética e a diferenciação, proposta pelo autor, entre julgamentos estéticos e morais foram bastante elucidativas para entender o tipo de manifestação, divulgada na internet, por aqueles que rejeitam esta obra de Rodrigo Braga como arte, já que é possível perceber nesses comentários a constante confusão entre sentimento negativo gerado pelo contato com a obra – mesmo que apenas virtualmente – e o julgamento negativo ou revoltado emitido por esse segmento de público. Nesse sentido, vale ressaltar a importância, para esse estudo, das considerações dos autores Arthur Danto e Rainer Rochlitz, referentes ao fato de que julgamentos ou relações estéticas negativas não fazem com que uma obra deixe de ser arte. Esse ponto é extremamente importante, pois através da análise dos comentários coletados é possível notar que, na ausência de um conceito universal de obra de arte, a ideia do público leigo sobre o que é ou o não pode ser considerado arte acaba resultando, muitas vezes, dessa confusão entre conceitos pré-estabelecidos social e culturalmente, sentimento que rege a relação estética e julgamento expressado pelo observador. As considerações teóricas de Nathalie Heinich também foram muito importantes no contexto desse estudo, porque estão relacionadas diretamente aos aspectos sociais e institucionais que influenciam tanto a produção, quanto a apresentação e a recepção da arte contemporânea que rompe barreiras morais estabelecidas socialmente, como é o caso da obra *Fantasia de Compensação*. As considerações da autora deram subsídios para estudar a relação estética estabelecida entre esta obra e o segmento de público que manifesta seus julgamentos na internet, tendo em conta os fatores sócio-culturais que podem – e mesmo influenciam – nesse processo.

Apesar de Rodrigo Braga não ter tido a intenção primeira de chocar o público e de suas escolhas refletirem questões pessoais, a maneira como concebeu o trabalho lida diretamente com questões éticas relativas à morte e ao uso do corpo, mesmo de animais, com finalidade artística, o que parece ser socialmente inaceitável quando consideramos as manifestações coletadas para esse estudo. Essas questões estão fortemente arraigadas nas normas estabelecidas pelo convívio sócio-cultural, pelos valores morais vigentes em nossa cultura e pela relação afetiva ser humano/animal de estimação.

É fato que a maior parte das mensagens e manifestações publicadas na internet demonstra que o artista alcançou seu objetivo de forma eficaz, ou seja, conseguiu deixar uma parcela considerável de seus *espectadores tontos*, em dúvida quanto à verdade proposta por suas fotografias. O artista partiu do meio digital que usaria como base para a realização do projeto, para escolher posteriormente, o material utilizado e a forma como o usaria. É considerável a qualidade técnica do trabalho, a qualidade das fotografias, como é inegável o potencial provocador das imagens propostas.

Uma leitura rápida dessas mensagens e comentários manifestados sobre *Fantasia de Compensação* permite perceber que não é só a verdade fotográfica que é considerada para as reações à obra. O que vem escrito junto com a imagem é tomado como verdade incondicional pela maioria das pessoas que comentam o assunto e refletem a falta de interesse desse tipo de público em buscar outras informações sobre o trabalho. É raro encontrar dentre os comentários coletados elementos que indicam que a pessoa buscou por outras informações além daquelas a que tiveram acesso nos blogs ou protestos em comunidades do *Orkut*. Inclusive, muitos dos que duvidam da veracidade das imagens comentam, expressam toda sua indignação e manifestam opiniões que comprovam exatamente a falta de informação consistente tanto sobre a obra, quanto sobre o artista.

Apesar de possuir qualidades que permitem estabelecer relações estéticas positivas com a obra, apesar de ser um trabalho legitimado pelo sistema artístico vigente, aceito em diversas instituições sérias nacionais e internacionais, de seu autor ser um artista reconhecido e premiado, ainda assim o que é mais considerado na avaliação desse trabalho, por parte deste público, especificamente, é a parcela real, ou seja, o uso do cachorro como matéria-prima, a maneira como o artista manipula e expõe tão claramente seu processo de trabalho. Discussões mais sociais, como a preocupação com o excesso de cães abandonados, sobre a situação de miséria de animais e pessoas aparecem, na maioria das vezes, como contrarreações aos comentários publicados em blogs, mas não são questões tratadas nos e-mails enviados ao artista. As pessoas também não consideram a possibilidade desta obra ser um questionamento sobre a violência contra os animais, por exemplo. Pelo contrário, acusam o artista de incitar ou promover este tipo de violência.

Em geral, quando se dirigem diretamente ao artista através de e-mails, é comum o uso de expressões de baixo calão, xingamentos gratuitos e manifestações de repúdio contra o uso do cachorro, através de questionamentos sobre a razão para a crueldade do ato específico de manipulação do corpo do animal, ou mesmo acusam o artista de assassinato e maus tratos aos animais, demonstrando mais uma vez, a falta de informação em relação ao processo de trabalho do artista e a falta de argumentação reflexiva sobre a obra. As mensagens configuram-se muito mais como reflexos da necessidade de expressar a indignação causada pela relação estética estabelecida com a obra. É raro encontrar e-mails educados de pessoas que buscam esclarecer suas dúvidas diretamente com Rodrigo Braga, e mais raro ainda alguma mensagem que manifeste opinião ou algum desejo positivo em relação a ele e sua obra. O e-mail a seguir é um dos mais positivos dentre os recebidos pelo artista no ano passado:

Sent: Tuesday, April 29, 2008 2:17 PM

Subject: Arte

Desculpe-me, mas realmente o seu trabalho é um equívoco. Mesmo assim, boa sorte e sucesso.

Como toda obra de arte polêmica e com conteúdo fora dos limites éticos, *Fantasia de Compensação* gera discussão válida sobre questões ético/sociais. Tomo a liberdade de relacionar a importância social desse tipo de proposta artística a um pequeno trecho das considerações de Rochlitz que, para mim, resume o papel de obras que promovem conteúdos fora dos clássicos padrões artísticos:

“A sociedade contemporânea deve provar do espírito de abertura, de compreensão e de tolerância com respeito às práticas que, portanto, passando pelas experimentações modernas e vanguardistas, aprendeu a colocar o dedo sobre os aspectos os mais vulneráveis e os mais contestáveis da realidade social, ao nos revelar aquilo que, na nossa realidade íntima ou pública, evitamos ver de frente”¹. (ROCHLITZ, 1994, p.12)

Enquanto proposta artística, *Fantasia de Compensação* ultrapassa as questões pessoais do artista para promover a reflexão sobre os limites éticos da arte, mesmo que seja por meio de manifestações completamente infundadas, reflexos do sentimento de repulsa, fixas em um único ponto da obra – que é a escolha do cão como matéria prima. *Provar o espírito de abertura, de compreensão e tolerância*, como sugere Rochlitz, depende da disponibilidade daquele que se relaciona com esse tipo de obra. Não é tarefa fácil se desfazer de conceitos éticos ou morais profundamente enraizados em nossa cultura para encontrar uma outra forma de olhar uma obra de arte, que não seja tão fixa, justamente, no ponto que nos afasta dela.

Esse estudo de caso foi a maneira que encontrei para enxergar *Fantasia de Compensação* com outros olhos, explorar o que há além daquelas imagens tão chocantes, ultrapassar a barreira da perplexidade para, assim, amenizar meus próprios preconceitos. Da motivação inicial, repleta de opiniões – um pouco menos revoltadas, mas não menos indignadas daqueles expressadas via internet – aos poucos passei a estabelecer uma nova relação com a obra. Tirar o peso da atenção exclusiva às imagens ampliadas ali para dividi-lo com as manifestações indignadas de outras pessoas, me fez lembrar que antes de expressar qualquer opinião sobre um assunto é bastante útil conhecê-lo previamente, para que deixem de ser apenas reflexos e alívio de sentimentos negativos, para se tornarem argumentos reflexivos e, a partir daí, estabelecer um julgamento mais argumentativo, sem relacionar meu gosto pessoal com a qualidade do trabalho artístico.

Ainda hoje não consigo olhar muito tempo a sequência cirúrgica das fotos, porque meu sentimento de repulsa em relação a esse tipo de imagem – seja de que natureza for – permanece, mas isso não é mais o que rege meu julgamento quanto à obra. Nesse sentido, esse estudo foi essencial tanto para esta mudança de postura, quanto para minha própria abertura em aceitar esse tipo de expressão artística, mesmo que isso me cause desconforto ou desprazer num primeiro momento.

¹ “La société contemporaine se doit de faire preuve d’esprit d’ouverture, de compréhension et de tolérance à l’égard de pratiques qui pourtant, en passant par les expérimentations modernes et avant-gardistes, ont appris à mettre le doigt sur les aspects les plus vulnérables et les plus contestables de la réalité sociale, à nous révéler ce que, dans notre réalité intime ou publique, nous évitons de voir en face”. Tradução livre da autora.

Lista e Créditos das Imagens

p.17 e p.18 – Abertura da exposição *Colagens Contemporâneas – cruzamentos (im)puros?*

Fotos de Lílian Gomes.

p.30 – Sem título, 2001. Karin Lambrecht.

Fotografia de Fabio Del Re, cedida por Viviane Gil.

p.34 – Comunhão I, 2006. Impressão digital a laser sobre papel laminado Kodak, 50x76 cm.

Sem assinatura. Fundação Vera Chaves Barcellos. Fotografia de Sérgio Sakakibara.

p.48 até p.53 – Fantasia de Compensação, 2004. Fotografia e manipulação digital. Série completa.

Acervo Rodrigo Braga.

p.34, 54 e p.55 – Da Alegoria do Percível, 2005.

Imagens retiradas do site do artista:www.rodrigobraga.com.br

Demais imagens dos anexos foram retiradas dos endereços eletrônicos correspondentes, listados sempre ao pé da página.

Bibliografia

- ACHER, Michael. *Arte Contemporânea – uma história concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ARGAN, Giulio Carlo. *Arte e Crítica de Arte*. Lisboa: Estampa, 1993.
- BAQUÉ, Dominique. *La Fotografía Plástica*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003.
- BORER, Alain. *Joseph Beys*. São Paulo: Cosac & Naif, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BOUCHINDHOMME, Christian. ROCHLITZ, Rainer (org.). *L'Art sans Compas – redéfinitions de l'esthétique*. Paris: Les Édition du Cerf, 1992
- BUENO, Maria Lúcia. *Artes Plásticas no Século XX – Modernidade e Globalização*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1999.
- CAUQUELIN, Anne. *Arte Contemporânea*. São Paulo: Martins, 2005.
- CERÓN, Ilena Pradilla; REIS, Paulo. *Kant: Crítica e Estética na Modernidade*. São Paulo: Editora SENAC, 1999. In. (<http://books.google.com.br/books?id=kTk2r5vjmMIC&pg=PA76&dq=%22as+regras+da+arte%22&lr=#PPA95,M1>)
- COLI, Jorge. *O que é Arte*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- DANTO, Arthur. *A Transfiguração do lugar-comum*. São Paulo: Cosac&Naify, 2005.
- _____. *Após o Fim da Arte – a arte contemporânea e os limites da História*. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.
- _____. *L'Assujettissement Philosophique de l'Art*. Paris: Seuil, 1993.
- DIDI-HUBERMAN, George. *O que Vemos, o que nos Olha*. São Paulo: Ed.34, 1998.
- FERREIRA, Glória; PESSOA, Fernando (org.). *Criação e Crítica – Seminários Internacionais Museu Vale*. Rio de Janeiro: Suzy Muniz Produções, 2009.
- FONTCUBERTA, Joan. *El Beso de Judas – Fotografía y verdad*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1997.
- GENETTE, Gérard. *L'Oeuvre de l'Art – La Relation Esthétique*. Paris: Seuil, 1997.
- HEINICH, Nathalie. *Le Triple Jeu de l'Art Contemporain*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1998.
- JIMENEZ, Marc. *O que é Estética*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1999.
- LIPKIN, Jonathan. *Révolution Numérique – une nouvelle photographie*. Paris: Éditions de la Martinière, 2006.
- NOVAES, Adauto (org.). *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007
- OLIVEIRA, Gilberto Habib. *Rodrigo Braga*. Fotografia: de 20 de março a 30 de abril de 2006, Instituto Cultural Bandepe, Recife: catálogo, 2006.
- PAREYSON, Luigi. *Os Problemas da Estética*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ROCHLITZ, Rainer. *Subversion et Subvention – Art Contemporain et Argumentation Esthétique*. Paris: Gallimard, 1994.
- SCHAEFFER, Jean-Marie. *Adieu à L'Esthétique*. Paris: Presser Universitaires de France, 2000.

SPERBER, Monique Canto. (Org.). *Dicionário de Ética e Filosofia Moral*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007

WOLLHEIM, Richard. *A Arte e seus Objetos*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Dissertação:

ARAÚJO, V. G. *Karin Lambrecht: as vestes e o corpo na série Registros de Sangue*. 2008. 233 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais, ênfase História, Teoria e Crítica) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/13351>. Acessado em 16 de junho de 2008.

Jornais:

LEITE, M. Macacos Verde me Mordam. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p.E9, 31 mai. 2009.

Sites:

Dicionários on-line:

<http://houaiss.uol.com.br/>

<http://michaelis.uol.com.br/escolar/frances/index.php>

<http://www.larousse.fr/encyclopedie>

<http://www.cnrtl.fr/definition/>

Acessado em 23 de abril de 2009

<http://www.rodrigobraga.com.br/>

http://www.cultura.gov.br/brasil_arte_contemporanea/?page_id=97

<http://www.olhave.com.br/blog/?p=80>

<http://www.olhave.com.br/blog/?p=1667>

<http://paulotrevisan.blogspot.com/2007/02/rodrigo-braga-o-impacto-da-imagem-e.html>

http://www.revistafator.com.br/ver_noticia.php?not=36114

http://www.olaonline.com.br/joomla/index.php?option=com_content&task=view&id=135

<http://www.contraditorium.com/2008/06/21/tive-uma-idia-vamos-esquartejar-a-me-do-rodriga-braga/>

Acessado em 27 de maio de 2009

<http://curiosidadesnanet.wordpress.com/2008/05/05/homem-costura-pedacos-cachorro-no-corpo/>

<http://www.amparo60.com.br/>

Anexos:

- I. Imagens da série completa – *Fantasia de Compensação* (2004)
- II. Imagens da série completa – *Da Alegoria do Perecível* (2005)
- III. Depoimento do artista
- IV. Nota de esclarecimento sobre a obra *Fantasia de Compensação*
- V. Entrevista com o artista
- VI. Texto crítico do professor e historiador Paulo Trevisan
- VII. Reportagem publicada em revista on-line
- VIII. Postagem sobre o assunto em blogs internet
- IX. Alguns dos comentários coletados do blog *Curiosidades na Net*
- X. Alguns dos e-mails enviados ao artista entre abril e dezembro de 2008
- XI. Dados sobre a participação do artista na exposição *Colagens Contemporâneas – cruzamentos (im)puros?*, realizada na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo/IA UFRGS, em 2008.

I

FANTASIA DE COMPENSAÇÃO

fotografia e manipulação digital, 2004













II

DA ALEGORIA DO PERECÍVEL fotografia, 2005





III

DOS BASTIDORES DE UM AUTO-RETRATO depoimento do artista, 2005

Não sei ser do tipo de artista que trabalha com o que dispõe ou que parte de uma matéria ou escolhe um suporte para executar um trabalho. Em geral, a idéia é quem pede o meio, o material, o suporte ou a técnica que vou utilizar e, então, me debruço sobre as necessidades e tento conseguir a todo custo. Assim ocorreu em séries anteriores como Ornamentos para o Corpo, Unha e Carne e Cartas ao Vizinho, onde o corpo e as questões que estão em seu perímetro são recorrentes. A angustiante incomunicabilidade e impotência do indivíduo diante da coletividade sempre foram objeto de minhas pesquisas que, vez por outra, cai nas brechas da psicologia, da sociologia e até mesmo da política.

No trabalho apresentado aqui, pela primeira vez em minha prática artística, resolvi partir de uma mídia específica para desenvolver um conceito.

A idéia inicial era fazer uso da tecnologia de manipulação de imagem digital (que já havia lançado mão em uma série anterior) para produzir algo que estivesse dentro da minha poética e ao mesmo tempo contemplasse essa técnica em todo o seu potencial. Eu me incomodava com o fato dos recursos digitais estarem sendo associados à fotografia apenas como um incremento formal à imagem captada pela lente, ou mesmo apenas como uma exagerada sucessão de aplicações de efeitos que meramente reconstituem a tradição pictórica, e tudo aquilo que o lápis ou o pincel já fazem tão bem há séculos. Queria, portanto, algo que operasse pelo quase imperceptível. Que subvertesse o caráter indicial da fotografia e deixasse o espectador tonto, flutuando entre o virtual e o palpável. Tinha a vontade de gerar não o surrealismo típico de uma montagem fotográfica mas, sim, “fabricar” em ambiente gráfico digital uma “realidade” que, de qualquer forma, pudesse ter ocorrido em verdade, pela habilidade manual humana.

Propositalmente, formatei meu projeto de maneira que me conduzisse a uma pesquisa também, de certa forma, de aspecto acadêmico, que me levasse a realizar um apanhado iconográfico, que me instigasse a ler e me impulsionasse a escrever e a falar sobre minha realização plástica. Para me ajudar nesse processo que, por ser novo para mim, tornava-se complexo, convidei para ser minha orientadora direta a professora Maria do Carmo Nino (que havia sido minha professora na UFPE e também havia escrito sobre alguns dos meus trabalhos anteriores). A escolha de Maria não foi apenas pela afinidade profissional e pessoal, mas, sobretudo, pela sua experiência artística em fotografia e manipulação da imagem.

Na verdade, os primeiros nove meses depois do início da bolsa foram tomados pela realização dos cursos de Photoshop Profissional com Digitalização e Cromia de Imagens, pelo processo de aquisição dos equipamentos, pela pesquisa de imagens, e sobretudo pela leitura e fichamento da bibliografia sugerida pela minha orientadora, somada a outros livros, periódicos e sites visitados durante o processo.

Enfim, depois de devidamente instrumentalizado, executei Risco de Desassossego, série de quatorze fotografias que, apesar da importância, não foram escolhidas para serem exibidas no MAC.

Apenas em março de 2004 consegui solucionar o que já estava em minha mente, de forma fragmentada, havia algum tempo. Surgia Fantasia de Compensação, trabalho que levaria mais nove meses para chegar ao resultado final.

Fantasia de Compensação, apresentado no MAC como resultado da minha pesquisa do prêmio/bolsa, é não somente meu mais recente trabalho, como também o mais significativo de minha produção. Hoje o percebo como algo que vai além da obra acabada, para mim é como o desenrolar de uma catarse, uma vez que é um auto-retrato e envolve questões psicológicas que me são caras.

Dois acontecimentos (dentre tantos outros menores que se acumulam em minha mente todos os dias) foram especialmente importantes para o surgimento, quase que de súbito, da imagem zoomórfica com intenção antropofágica da fusão da minha cabeça com a de um rottweiler.

Três meses antes do surgimento da idéia, eu havia ajudado no dissecamento de um bode no sertão da Paraíba. Tendo sido sacrificado por um homem que teve que se ausentar, a carcaça do animal foi entregue a uma mulher para ser limpa e tratada. Contudo, ela não tinha forças suficientes para partir os principais ossos do animal. Como só havia eu de homem (e teoricamente mais forte) no local, ela me deu um facão e um martelo para que eu fizesse a tarefa. Titubeei, pois já estava um pouco chocado com as imagens de vísceras, mucosas e pêlos ensanguentados que via em minha frente. Não tinha certeza se eu, ser tão urbano, seria capaz de tal despojamento antes de comer aquilo tudo à mesa... Mas fiz. E muito ficou guardada em minha mente a imagem da separação entre o crânio e o focinho do animal.

A outra experiência se passou onze anos antes. Lembro-me com vários detalhes de um episódio que me marcou muito na época (e até hoje), durante o auge de uma fobia-social que me acompanhou por toda a adolescência, no auge de uma síndrome do pânico, em um momento que eu estava com uma sensibilidade absurda. Aos 17 anos, quando caminhava por uma avenida por volta das sete horas da manhã para pegar o ônibus que tomava todos os dias para ir ao colégio, me deparei com um cachorro muito magro, sarnento, bastante doente. Ele se tremia enquanto tentava ficar de pé. Assim que cruzamos olhares, caí no choro no meio da rua. Achava absurdo o que estava acontecendo comigo, mas também não conseguia me controlar. Esbocei voltar para casa, tentei seguir adiante e fui chorando e suando ainda no ônibus. Tinha muito medo que as pessoas me notassem doente como aquele cachorro. Finalmente consegui entrar na escola, no entanto permaneci calado (aliás, como todos os dias). Aquilo me perturbou a semana toda. A partir desse dia decidi procurar mais ajuda da minha família e de um tratamento psicológico.

Hoje vejo que tive identificação imediata com aquele animal. Eu me reconheci nele. Depois de curado, tanto tempo depois desse episódio, ainda não me vejo como um rottweiler mas às vezes acho que precisaria ser... Gostaria de intensificar esse meu lado mais masculino e afirmativo, não de forma violenta, mas um pouco mais corajosa e confiante. De qualquer forma, passei de um ser que se sentia completamente inútil e insignificante no mundo a alguém que atua e se sente parte desse coletivo tão complexo.

Bem, somadas essas partes à possibilidade da ferramenta e da técnica digital que tinha em mãos, parti

para a execução. No entanto, o processo foi ainda mais árduo, demorado e mais rico do que supunha.

A primeira coisa que fiz foi tirar um molde da minha cabeça para auxiliar a feitura da obra. Já careca, passei um dia na UFPE, deitado numa mesa enquanto dois professores faziam o delicado trabalho de confecção de uma fôrma de gesso que seria utilizada para a construção de uma réplica da minha cabeça em silicone. Mas a maior dificuldade que encontrei ocorreu na segunda etapa da execução do projeto, quando tentei conseguir o corpo de um cão de grande porte para ser manipulado cirurgicamente. Depois de dois meses de negociações com veterinários particulares, Universidades Rural e Federal e o Centro de Vigilância Ambiental da Prefeitura do Recife e depois de obter as devidas documentações e autorizações, consegui o que queria: um cachorro grande, preto, com focinho protuberante e ar bravio. Sofri, no entanto, um baque psicológico inesperado. Assim que escolhi a dedo o animal que seria eutanasiado no dia seguinte (como parte de um procedimento habitual) e me seria entregue para a realização do trabalho, caí numa armadilha do inconsciente, adoecendo em poucas horas. Tive uma forte dor de cabeça, náuseas e febre por dois dias. Cancelei tudo. Só retomei o trabalho na semana seguinte, quando finalmente consegui levar a carcaça do cachorro já com a ajuda do veterinário cirurgião.

O processo cirúrgico, por sua vez, durou seis horas. Tive a sorte de contar com os serviços de um veterinário extremamente cuidadoso, que soube executar com precisão tudo o que havia esboçado previamente. As partes da cabeça do cão foram montadas sobre a cabeça de borracha. Registrei todos os passos da cirurgia com uma câmera fotográfica.

A etapa seguinte da execução prática da obra foi também muito minuciosa. As fotografias da minha cabeça tiveram que ser tomadas nos mesmos ângulos que captei quando da cirurgia no molde. As fotos foram realizadas com muita paciência e exatidão por Marcos Costa - artista e parceiro de exposições.

Depois de ter todos os elementos necessários, precisava apenas alinhar as partes. No plano de execução final levei cerca de 40 dias fazendo a sobreposição das fotos e acabamento no Photoshop. Depois de tudo, percebi que o processo de feitura do trabalho tomou uma dimensão tão grande que a execução técnica da obra havia se tornado mais plástica e manual que tecnológica. Até mesmo porque os recursos do programa gráfico foram utilizados (como um professor costumava dizer) de forma “artesanal”, sem se valer da aplicação de efeitos pré-existentes.

Por todos estes motivos considero Fantasia de Compensação o trabalho mais representativo que fiz até então. E sei que isto se deve à rara oportunidade de se ter uma bolsa de pesquisa deste tipo, que acredite e potencialize uma idéia artística possibilitando um debruçamento quase que exclusivo do artista à sua poética, fornecendo-o recursos financeiros e tempo suficiente para que esse processo amadureça. Depois de tudo pronto, observo que, apesar de ser uma obra de cunho autobiográfico, eu não teria a menor condição de realizar algo dessa dimensão sozinho. Hoje me contraponho à fácil ação de isolamento da minha adolescência e aposto na comunicação e na coletividade para gerar resultados de uma idéia que foi construída com a soma de muitas mãos e cabeças.

Rodrigo Braga
Janeiro de 2005

IV

NOTA DE ESCLARECIMENTO sobre a obra *Fantasia de Compensação*

A série *Fantasia de compensação* foi realizada há quatro anos, utilizando procedimentos que mesclam produção plástica (real) e manipulação digital (virtual), não causando sofrimento e morte ao animal em questão, cujo corpo foi obtido mediante autorização formal (documento por escrito), concedida pelo Centro de Vigilância Ambiental da Prefeitura do Recife, visando utilização exclusiva para fins artísticos – tal qual são concedidas autorizações para fins científicos.

O animal – que antes esteve em quarentena no aguardo de seus proprietários ou possível interesse de adoção – foi eutanasiado como procedimento padrão e final do processo legal e considerado necessário pelas autoridades sanitárias no controle de doenças transmissíveis a populações urbanas. Portanto, o cão não foi eutanasiado pelo artista, mas pelas autoridades responsáveis. O artista também não teve qualquer influência sobre os procedimentos adotados pelo centro municipal de controle de zoonoses. Ao invés de seguir para a cremação (como todos os outros animais recolhidos nas ruas e submetidos à eutanásia), o cão foi utilizado pelo artista seguindo cuidados higiênicos, legais e éticos.

Neste mesmo site, o texto *Dos bastidores de um auto-retrato* esclarece o processo de realização da obra, ressaltando a relação de respeito que tem o artista em relação às questões éticas problematizadas pela sua obra.

V

ENTREVISTANDO...

Posted by: Alexandre Belém in entrevistando...

fotografia, fotógrafos, tags: art, arte, auto, braga, contemporânea, contemporary, foto, fotografia, photo, photography, portrait, retrato, rodrigo, self

[**QUEM**] Rodrigo Braga.

[**ONDE**] Nascido em Manaus em 1976, vive e trabalha em Recife (PE).

[**PORQUE**] Um dos mais respeitados artistas contemporâneos da atualidade. Jovem, se destacou e consolidou-se como fotógrafo de “si próprio”. Auto-retrato, auto-representação? Apenas fotografia. Arte. Em 2004 ganhou a bolsa do 45º Salão de Artes Plásticas de Pernambuco e realizou a série Fantasia de compensação. Rodrigo se transformou em um Rottweiler. O Rottweiler “virou” Rodrigo. A sua fotografia é assim: dual.



Abaixo, o currículo de Rodrigo Braga, algumas imagens e a entrevista.

Vive e trabalha em Recife, onde se graduou em Artes Plásticas pela UFPE em 2002. Em 1999 recebe prêmio aquisição no Salão Pernambuco de Artes Plásticas/Novos Talentos (MAC, Olinda) e em 2004 foi contemplado com o prêmio/bolsa do 45º Salão de Artes Plásticas de Pernambuco, realizando a série Fantasia de compensação. Entre 2005 e 2007 foi Gerente de Artes Visuais da Prefeitura do Recife, onde coordenou o SPA das Artes Recife. Atualmente vem ministrando workshop sobre fotografia no Brasil e no exterior.

Das exposições individuais destacam-se: Casa da Ribeira (Natal, 2008), Fundação Joaquim Nabuco – Fundaj (Recife, 2007); Museu da UFPA (Belém, 2007); Itaú Cultural (São Paulo, 2006); Galeria Marcantonio Vilaça, Instituto Cultural Banco Real (Recife, 2006); Galeria Clairefontaine (Luxemburgo, 2005); Galeria Susini (França, 2005). Principais coletivas: Rumos Itaú Cultural de Artes

Disponível em <http://www.olhave.com.br/blog/?p=80>. Postado em 25 de março de 2008. Acessado em 23 de abril de 2009.

Visuais (São Paulo, Rio de Janeiro e Belém, 2006); Vizinhos: networked art in Brazil (Áustria, 2006); O Corpo na Arte Contemporânea Brasileira, Itaú Cultural (São Paulo, 2005); Photomeetings Luxemburg (Luxemburgo, 2005); Projéteis de Arte Contemporânea, Funarte (Rio de Janeiro, 2005); Projeto Prima Obra, Galeria Fayga Ostrower - Funarte (Brasília, 2004); Arte Pará (Belém, 2002 e 2006). Participou de feiras internacionais de arte, como: ARCO'06 e ARCO'08, (Espanha, 2006, 2008); Paris Photo, (França, 2005); Art Cologne (Alemanha, 2005); D-Foto (Espanha, 2005).

Site: <http://www.rodrigobraga.com.br/>



Fantasia de Compensação | Manipulação em imagem digital | 2004



Comunhão | Fotografia | 2006



Da Alegoria Percível VIII | Fotografia | 2005



Hiato | Fotografia | 2007

No começo você utilizou materiais como crayon, aço e madeira. A fotografia veio como amadurecimento ou mais uma ferramenta? Como artista você pensa em utilizar outras técnicas?

Certamente mais uma ferramenta que posso lançar mão. Contudo, hoje, essa linguagem ocupa o maior espaço em meus interesses expressivos. Nunca havia pensado em “migrar” quase que exclusivamente para uma pesquisa em fotografia como vem acontecendo nos últimos cinco anos. Acontece que, o quanto mais me aprofundo nessa linguagem, mais percebo o quanto ela se adequa à minha poética artística hoje. A sedução e potência da imagem fotográfica me permite ir além da representação. Por mais que minha prática envolva ressignificações de elementos simbólicos para a criação de imagens deslocadas do universo cotidiano palpável, o que evidencio no “produto final” (a fotografia) é a “coisa em si”, ou seja: a luz refletidas dos objetos que atravessou a lente e se perpetuou através do dispositivo fotográfico.

Apesar de, para mim, não restar dúvida de que o que venho fazendo é fotografia, a minha forma de trabalhar tem referências mais ampliadas dentro do campo das artes. Às vezes mesclo fotografia com performance, outras busco composições como um pintor; também posso manipular digitalmente o índice fotográfico, como faria um ilusionista, ou ainda apresentar fotos em longas seqüências, como quem edita um vídeo, ou ainda associá-las a objetos, como um escultor. Dessa maneira confesso que trabalhar com fotografia é um prazer - dadas às enormes possibilidades criativas - sem ter que me prender a uma única técnica ou procedimento formal.

Muitas pessoas já utilizaram os adjetivos “radical” e “chocante” para analisarem a sua obra. O que você espera que as pessoas sintam com suas imagens?

Não espero mais nada! Já esperei muito. (risos)

O que quero dizer é que, definitivamente, não objetivo o público. Não balizo o que faço por quem vê, tampouco me impressiono ou supervalorizo o público, sejam leigos ou especialistas. Adoro o contato com as pessoas e discutir obras de arte é uma das minhas mais prazerosas práticas. Mas o processo criativo é outra coisa. Procuro manter distanciamento de opiniões externas, até porque meu processo é muito pessoal, voltado para questões que quase sempre são psicológicas e sensoriais relativas ao estar no mundo. Outro motivo é que meu trabalho desperta reações extremas em sentidos opostos, do tipo “amor OU ódio”. Assim não suportaria dar muito crédito ao que ouço, isso poderia desviar o foco dos meus interesses mais sutis.

Contudo não sou ingênuo e sei do potencial que minhas fotografias têm de gerar “polêmicas”. Mas

nem vou insistir em algo simplesmente para gerar mídia, como também não vou me intimidar por estar sendo duramente criticado. Tento satisfazer primeiramente a mim mesmo.

Primeiro “imagem” ou “idéia”?

No meu processo, posso afirmar que elas vêm conjugadas, embora a imagem tenha maior relevância no início do percurso criativo. Normalmente o que acontece é que, por estar todo o tempo em certo estado de “vigília criativa” (onde a qualquer momento algo pode virar um trabalho), a emoção se confunde com a decisão. Geralmente primeiro executo seguindo motivações mais intuitivas, depois vou “lendo” aquela imagem e percebendo as conexões já existentes nela, assim se constrói o discurso dentro de uma linha poética natural e fluida.

Sua poética vem através do estranhamento?

O mundo já é demasiadamente estranho, é só pôr a lente no que está diante dos nossos olhos. Onde tudo é possível o que mais parece estar fora do lugar? Será que só a arte que se faz hoje é estranha...?

Rottweiler ou bode?

Prefiro gente!

VI

RODRIGO BRAGA

O Impacto da Imagem e a Desmistificação da Atitude

Alguns trabalhos do jovem artista pernambucano Rodrigo Braga possuem o poder de nos causar o desconforto. E, em especial, as séries “Fantasia de Compensação” e “Risco de Desassossego” (ambas de 2004) e “Sem Título” (2005) criam em nós um incômodo inquietante. O que nos interessa aqui por em questão é a validade desta sensação, uma vez que, por meio das etiquetas de identificação das obras, ou através dos monitores que trabalham nas exposições, temos a possibilidade de cairmos no desconcerto constrangedor ao tomarmos consciência do anúncio - escrito nas plaquetas ou dito oralmente - da manipulação digital das imagens.



Sem Título, 2005, manipulação em imagem digital

Ao nos apercebermos deste jogo visual ludibriante temos uma “decepção” em relação à intensidade e a força do impacto que teve sobre nós tais imagens.

Portanto, uma vez que o artista nos concede esta informação (a da manipulação da imagem) de uma maneira ou de outra, dispondo-a ao nosso alcance – seja pelas etiquetas ou pela orientação dos monitores –, podemos reorientar agora o motivo do seu trabalho não mais para a ação do artista apresentada nas imagens fotográficas, mas para a problemática da função e do poder da imagem nas artes visuais e da veracidade da atitude do artista (que a partir das vanguardas tardias foi posta em destaque frente a outras características de um trabalho artístico, tais como o resultado formal, a habilidade de confeccionar manualmente e a materialidade da obra).

Se o anúncio da estratégia do artista para a constituição de seus trabalhos é dado de maneira tão imediata e espontânea – o que a princípio pode nos causar uma sensação de falência da obra – temos que nos atentar justamente para esta estratégia – a do revelar, explicitar esta artimanha - e perceber que é neste intervalo criado pelo jogo entre o que e como se apresenta na imagem e a ilusão que estas realmente são, é que se estabelece a força do trabalho de Rodrigo Braga.

Disponível em: <http://paulotrevisan.blogspot.com/2007/02/rodrigo-braga-o-impacto-da-imagem-e.html>.
Acessado em 23 de abril de 2009



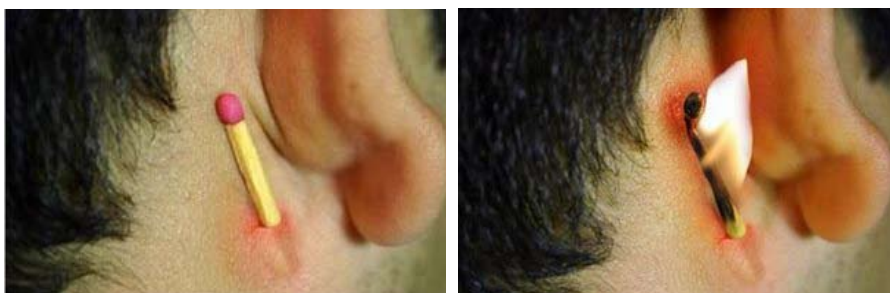
Fantasia de Compensação, 2004, manipulação em imagem digital

Num período posterior a manifestações radicais exibidas por Marina Abramovic, Hermann Nitsch, Gina Pane e Rudolf Schwazkogler, entre outros, o artista brasileiro parece deslocar o foco do problema da obra da atitude – que era a força nos trabalhos dos artistas mencionados – para o impacto da imagem por si só.

Não sendo fruto de ações contundentes, agressivas e viscerais, as imagens fotográficas de Rodrigo criam a nulidade do primeiro efeito que nos geram: o da repulsa, o da experiência estética do feio, e o do choque.

Ao nos depararmos com as obras do artista, duas sensações nos percorrem automaticamente: 1) a do incômodo - pela recusa por ser uma verdade que nos agride, mas que também nos atrai pelo magnetismo que temos por aquilo que negamos; 2) a de frustração - por nos apercebermos acometidos por sensações correspondentes àquela verdade dos “registros documentais” e logo em seguida constatarmos a “fraude” promovida pelo artista que anula a experiência anterior.

O sentimento de confusão entre querer a realidade do que se apresenta na imagem - para continuarmos com a experiência do impacto - e a negação da verdade que desmistifica aquela ação, a banaliza, a traz para o nível do “truque” é o sentido mais profundo nestas obras do artista.



Risco de Desassossego, 2004, manipulação em imagem digital

Nestes termos, estes trabalhos são exemplos bem sucedidos do poder do artista quando este descobre pontos de tensão que podem dar continuidade aos desdobramentos da arte hoje - tantas vezes banalizada por estratégias pobres e derivativas sem imaginação e/ou inteligência.

Paulo Trevisan, 2006

VII

ARTISTA BRASILEIRO CAUSA POLÊMICA AO CRIAR “OBRA DE ARTE” A PARTIR DE CÃO EUTANASIADO EM RECIFE

O cenário da Arte Contemporânea brasileira também produziu seu Habacuc. Trata-se do pernambucano Rodrigo Braga, que entre outras obras produziu “Fantasia de Compensação”, em 2004.

Em seu site, Braga explica o processo de composição da tal Fantasia, feita nada mais nada menos do que com partes de um cão “manipulado cirurgicamente”. No texto “Dos bastidores de um auto-retrato”, exibido no site, ele registra os passos da sua contemporânea arte, repleta de sangue e descaso pela ética.

“Não sei ser do tipo de artista que trabalha com o que dispõe ou que parte de uma matéria ou escolhe um suporte para executar um trabalho. Em geral, a idéia é quem pede o meio, o material, o suporte ou a técnica que vou utilizar e, então, me debruço sobre as necessidades e tento conseguir a todo custo”, diz o texto. Para satisfazer a sua “idéia”, Braga decidiu fazer uso da tecnologia de manipulação de imagem digital, para “gerar não o surrealismo típico de uma montagem fotográfica mas, sim, ‘fabricar’ em ambiente gráfico digital uma ‘realidade’ que, de qualquer forma, pudesse ter ocorrido em verdade, pela habilidade manual humana”. À tecnologia, o criador da Fantasia adicionou sua catarse, uma vez que, segundo ele, a obra é um auto-retrato que envolve questões psicológicas que lhes são caras.

Na sua catarse, Braga contou com a ajuda de “médicos veterinários particulares”, Universidades Rural e Federal e o Centro de Vigilância Ambiental (CVA) da Prefeitura do Recife. De acordo com ele, após receber as autorizações necessárias, “escolheu a dedo um animal que seria eutanasiado no dia seguinte (como parte de um procedimento habitual)” e lhe seria entregue para a realização do trabalho.

De posse da carcaça do animal, Rodrigo Braga deu início, com a ajuda de um veterinário cirurgião, à Fantasia de fundir-se com um Rottweiler, de forma tal a deixar as partes da cabeça desse cão costuradas sobre o seu rosto.

A nossa reportagem entrou em contato com o CVA de Recife, para saber se o órgão de fato concedeu a autorização para que o artista realizasse o trabalho e, se deu, com base em que instrumentos legais. Até o fechamento desta matéria o órgão não havia se pronunciado.

Reação

Como não podia deixar de ser, a “obra de arte” do brasileiro provocou reações negativas junto ao movimento de proteção animal e à sociedade em geral.

A presidente do Núcleo de Educação Ambiental Francisco de Assis (NEAFA), Ângela Seabra, além de encaminhar denúncias para alguns sites, como o da Polícia Federal, fez consulta à OAB de Alagoas para identificar a possibilidade de formalizar uma representação junto ao Ministério Público.

Dr^a Adriana Alves, da OAB, informou, em entrevista ao OLA, a decisão tomada sobre a consulta.

Segundo ela, como esse episódio está vinculado ao Estado de Pernambuco, a seccional de Alagoas recepcionou a consulta/denúncia e está encaminhando expediente à OAB/PE, solicitando providências cabíveis. Da mesma forma, a OAB de Alagoas informará a instância nacional da entidade. “É um verdadeiro absurdo o que este rapaz fez com o cão. Não importa se estava morto. Este episódio é uma apologia à violência contra princípios e valores que são fundamentais no conjunto da sociedade”, afirmou.

Para Alessandro Valério, médico veterinário e responsável técnico do NEAFA, “assim como nós humanos temos o direito à dignidade e respeito à imagem em vida e pós-morte, os animais também o tem. Não há dúvida de que a exposição do animal na chamada obra do artista em questão fere este princípio”, avalia.

Em resposta às críticas, Rodrigo Braga divulgou nota no seu site, na qual reafirma a legalidade dos procedimentos adotados para composição da sua arte. Braga reitera também o seu respeito “em relação às questões éticas problematizadas pela sua obra”.

Autoral

À reportagem do OLA, Braga revelou surpresa pela repercussão da obra tanto tempo depois. “Este trabalho foi exposto em várias cidades brasileiras e até no exterior. Há diversas publicações falando sobre ele, teses de doutorado, monografias e até então não havia reações de protesto como as que ocorrem hoje”, disse. O artista atribui os protestos atuais aos e-mails que circularam na rede mundial de computadores sobre a sua obra. “Para mim, este é o problema, pois as informações que circulam não vão por inteiro, as pessoas não têm o conjunto da obra, sua concepção”, avalia.

Questionado pela reportagem sobre as questões éticas levantadas por várias pessoas, Rodrigo Braga explica que “o que fica marcado é o que a pessoa quer ver no trabalho. A obra pode ser lida pelo lado da fotografia, da técnica e diversos outros elementos, como também pela ideologia”, disse. Quando perguntado se esta obra queria ter o caráter de provocação ou se o que falava alto era apenas a sua catarse pessoal, Braga afirmou que a motivação é muito mais de ordem pessoal. “Eu tinha a noção que o trabalho é potencialmente polêmico, mas não quis me privar da função do impacto que iria causar e abrir mão da minha catarse”, afirma.

Rodrigo Braga não aceita a comparação com o artista costa-ricense Habacuc. “Sou um admirador da sua obra, mas nossos propósitos foram diferentes, embora nós dois tenhamos usado um cachorro na composição do projeto. Para o Habacuc há uma conotação política; já o meu trabalho é autoral”, conclui.

Para Maria Padilha, presidente da Associação Amigos Defensores dos Animais e do Meio Ambiente (AADAMA), é importante questionar se o Centro de Vigilância Sanitária poderia doar o animal, ainda que estivesse morto, para o artista. A dirigente destaca também o aspecto ético da participação do médico veterinário, que não teve o nome revelado pelo artista.

Padilha, explica que entrou em contato com o artista para questionar os aspectos éticos e legais do processo de criação da sua obra. Segundo ela, ele informou que já recebeu inúmeros e-mails de protesto, mas, em sua opinião, sua arte contribui para o debate sobre o respeito aos animais. Filho de pais biólogos, Rodrigo Braga garante que foi criado ouvindo tudo sobre o tema.

Parafraseando a letra da canção do cantor e compositor Beto Guedes, o artista da “Fantasia de Compensação” disse saber de cor a lição; talvez agora, só lhe reste aprender.

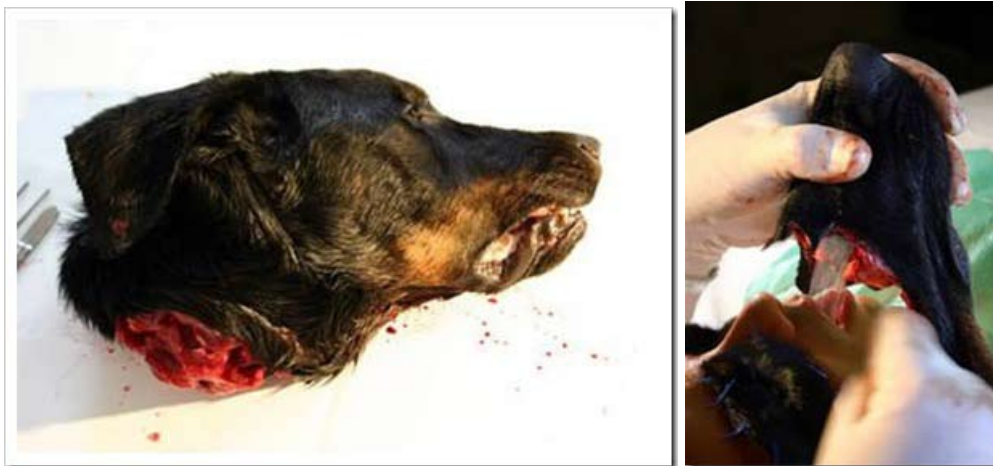
VIII

TIVE UMA IDÉIA, vamos esquarterar a mãe do Rodrigo Braga?

Em nome da arte, claro. E depois de morta, não somos criminosos, só artistas.

Esse desqualificado que se diz artista conseguiu o corpo de um cachorro morto pela Prefeitura do Recife para brincar. O cachorro foi morto por ter dado o azar de não ter donos para reclamá-lo, o que já é errado. Deu mais azar ainda pois seu corpo sequer foi doado para uma faculdade de veterinária, onde estudantes poderiam aprender alguma coisa.

O pobre animal foi parar na mão de outro animal, que gosta de aparecer. Ele ESCOLHEU o cachorro que seria sacrificado, depois de posse de um carniceiro (veterinário que se presta a isso não é veterinário) esquarterou o animal, costurou-o a um molde de borracha da cabeça do “artista”, que não foi HOMEM o suficiente para ir até o fim e efetivamente costurar os restos do cachorro na SUA carne, afinal ele é importante demais pra isso. Com auxílio da arma dos covardes, o Photoshop (que ele levou 9 meses para aprender, graças a uma bolsa paga com o NOSSO dinheiro) criou uma mentira, onde dá a entender que foi costurado ao cachorro:





O “artista” como todo onanista, se justificava.

No trabalho apresentado aqui, pela primeira vez em minha prática artística, resolvi partir de uma mídia específica para desenvolver um conceito.

Meu caro rodrigo, cachorros não são mídia. Cachorros são criaturas vivas que merecem ser tratados com um mínimo de respeito. Mídia específica é a mãe. Você gostaria de ver sua genitora depois de morta usada para uma brincadeira dessas, gostaria? Você não planeja exumar sua avó para usá-la como mídia, planeja?

Crueldade com animais não termina depois que eles morrem. É uma questão de dignidade. É o Judeu e o Muçulmano exigindo que o animal seja morto com o mínimo de dor, e que a dádiva de sua carne não seja desperdiçada. É o xintoísta sacrificando simbolicamente um exemplar de cada animal da região, encostando uma varinha simbólica em suas cabeças.

Temos por um lado os ingleses, erguendo um monumento, um memorial aos animais que serviram e morreram nas guerras britânicas. De outro lado, temos um sujeito que se diz artista e trata cachorros mortos como coisas, brincando de recortar e colar, SEM NENHUM PROPÓSITO.

Desculpe, rodrigo, seu trabalho é um lixo. Você levou NOVE MESES para aprender Photoshop e faz essa bosta? Meu querido, vou te contar um segredo: Com nove meses de Photoshop você não precisaria dissecar um cachorro morto.

Estou enviando seu “trabalho” para ONGs de defesa animal, e espero SINCERAMENTE que transformem sua vida em um inferno, e que você e seu “trabalho” caiam no esquecimento. E se me fosse dada a escolha, digo de coração aberto: Trocaria você por esse cachorro morto sem pestanejar. E olha que eu gosto de gatos.

IX

COMENTÁRIOS COLETADOS

Texto postado no blog *Curiosidades na Net* e algumas respostas

Homem costura pedaços de cachorro no corpo!

Maió 5, 2008

O procedimento não causou sofrimento e morte ao animal em questão, cujo corpo foi obtido mediante autorização formal (documento por escrito), concedida pelo Centro de Vigilância Ambiental da Prefeitura do Recife, visando utilização exclusiva para fins artísticos – tal qual são concedidas autorizações para fins científicos.

O animal, que antes esteve em quarentena no aguardo de seus proprietários ou possível interesse de adoção, foi eutanasiado como procedimento padrão e final do processo legal e considerado necessário pelas autoridades sanitárias no controle de doenças transmissíveis a populações urbanas. Portanto, o cão não foi eutanasiado pelo artista, mas pelas autoridades responsáveis. O artista também não teve qualquer influência sobre os procedimentos adotados pelo centro municipal de controle de zoonozes.

Respostas: no total foram 321 postadas até do acesso.

- 7. Kaka' | Maio 5, 2008 at 8:47 pm

grrrr

credo

q coisa horrível!

sera q ele fez isso de verdade??

bah, q horrível mesmo =P

- 8. Mell | Maio 5, 2008 at 8:53 pm

Na boa, isso foi uma das coisas mais bizarras que já vi até hoje... Mesmo com a manipulação digital, deve ter sido usada apenas para aperfeiçoar as “falhas” nos olhos e aliviar os pontos da costura...

Bizarro

- 18. Judie | Maio 5, 2008 at 11:06 pm

Ridículo

isso não é arte

não é nada

é RIDÍCULO ...

Neste blog, todas as imagens do trabalho foram postadas.

<http://curiosidadesnanet.wordpress.com/2008/05/05/homem-costura-pedacos-cachorro-no-corpo/>
acessado em 27.05.09

• 19. sahzão | Maio 5, 2008 at 11:15 pm

como ele deve comer ? • 36. Mell | Maio 6, 2008 at 12:39 pm

Pessoal, como está descrito no site do “artista” as fotos têm manipulação digital sim, para aperfeiçoar os detalhes e corrigir as imperfeições, mas no site dele próprio, ele fez que os pedaços do cachorro foram costurados em seu rosto sim...

Estamos apenas passando a informação galera, vcs podem conferir no site do artista também:

http://www.rodrigobraga.com.br/trabalhos/fantasia_19.htm

Muito obrigada à todos pelas visitas, irei retribuir à todos!

• 23. Allerson | Maio 6, 2008 at 12:46 am

OO... Não sinto nem pena do cachorro pois ele já estava morto!

Mas o que leva o ser humano a costurar partes de uma animal recém morto, q ainda esta totalmente sujo de sangue, em seu próprio corpo?

• 24. Batraquio | Maio 6, 2008 at 1:19 am

Não apoio a ideia, mais arte pra uns pode não ser para outros ,ninguem aqui sabe os motivos que levou o cara a fazer isso ,e pra quem leu lá em cima ,tá dizendo que quem sacrificou o animal foi o centro de zoonose por tanto não considero isso um ato de falta de campanha ,apesar de achar bizarro.

se todo mundo aqui ama os animais pq não saem adotando animais de rua ?até agora seriam menos 22 animais de rua.e coisa do capeta é cuidar da vida dos outros e sair criticando pessoas com ideias diferentes.

• 27. Danilo | Maio 6, 2008 at 4:16 am

Me desculpem, mas isso me parece uma sequência de fotos tratadas no Photoshop, sei disso, pois uso o programa e há muito tempo e reconheço uma foto tratada a distância!

• 29. Jonathan | Maio 6, 2008 at 5:30 am

Galera parece que não sabe ler ou se faz de idiota pra passar vergonha... o cachorro ia ser sacrificado de qualquer modo ¬¬

E foi isso que aconteceu!!

O cara não pegou qualquer cachorro na rua e arrancou a cabeça dele -.-

Povo faz drama por causa de um mero cadáver U_U

Deviam ficar chocados com coisas mais uteis, cambada de idiotas _|_

E isso tem cara de Photoshop mesmo o.o

Se fosse real teria um video!

- 34. Alessandro | Maio 6, 2008 at 11:25 am

Definitivamente, acredito que esse tipo de “arte”, se é que pode ser considerado como tal, é coisa de gente doente, seriamente doente, e acredito que quem aprecia tal tipo de arte é mais doente ainda, pois com os recursos de maquiagem que a indústria cenográfica tem a seu dispor hoje, ele poderia obter esse mesmo efeito, ou até melhor, apenas usando maquiagem cinematográfica, sem a necessidade sacrificar nenhum animal, nem se submeter a um procedimento arriscado para a saúde como essa sutura de partes do animal no próprio corpo.

- 45. cristiantm | Maio 6, 2008 at 6:24 pm

Pra quem se impressiona fácil, acredita em tudo que vê, e acima de tudo, tem preguiça de ler o texto do próprio autor, aí vai a parte que lhes interessa:

“O processo cirúrgico, por sua vez, durou seis horas. Tive a sorte de contar com os serviços de um veterinário extremamente cuidadoso, que soube executar com precisão tudo o que havia esboçado previamente. As partes da cabeça do cão foram montadas sobre a cabeça de borracha. Registrei todos os passos da cirurgia com uma câmera fotográfica.

A etapa seguinte da execução prática da obra foi também muito minuciosa. As fotografias da minha cabeça tiveram que ser tomadas nos mesmos ângulos que captei quando da cirurgia no molde. As fotos foram realizadas com muita paciência e exatidão por Marcos Costa – artista e parceiro de exposições.

Depois de ter todos os elementos necessários, precisava apenas alinhar as partes. No plano de execução final levei cerca de 40 dias fazendo a sobreposição das fotos e acabamento no Photoshop.”

http://www.rodrigobraga.com.br/textos/fantasia_03.htm

O cara, OBVIAMENTE, não costurou nada de cachorro em si mesmo. Ele pegou sim um cachorro MORTO, dissecou o bicho, costurou num molde de borracha do seu rosto, e depois com computador montou as imagens que estão no site.

- 48. bruna | Maio 7, 2008 at 12:34 am

Se for verdade, o que eu duvido, o cara é retardado por fazer isso com o próprio corpo..imagina o cheiro de carne podre que não deve ter no focinho..hauhaha..é um retardado mesmo..

Provavelmente seja photoshop mesmo..

Muito idiota o cara se for de verdade!

- 49. Jio | Maio 7, 2008 at 1:10 am

Façam o favor de ler o comentário #45, do cristiantm...

Eu entrei aqui só pra postar isso.

- 61. marcello | Maio 7, 2008 at 5:16 pm

tomara que infeccione tudo e ele morra =x

fdp do caraio

- 85. AritAnna-Varney | Maio 9, 2008 at 5:15 am

De desumano nada houve, pois como foi bem explicado, não foi o “artista” que sacrificou o cão.

ARTE é algo muito complicado a ser discutido, pois cada um tem suas preferências por mais absurdas e escatológicas que sejam, assim como distúrbios e até complexos psicológicos. Vai saber.

Pior do que isso foi o “artista” que expôs um cão abandonado e doente em sua galeria, afim de matá-lo de inanição perante o público. Esse sim merece todo movimento de revolta e ojeriza.

- 87. ONG AMIMAIS - amigos dos &hellip | Maio 9, 2008 at 1:19 pm

Isto é um absurdo!!!!

Onde é que vcs estão vendo “arte”!!!

Era bom que infecionasse e ele morresse todo podre!!!!!!

loucos!!!! deveriam ser internados!!!!!!!!!!!!!!

arte é um ninho de passarinho!!! arte é o malabarismo de um beija- flor para se alimentar!!! arte é o romper de um gasulo de borboleta!!!!

Isso sim é arte!!!!

- 88. ONG AMIMAIS - amigos dos &hellip | Maio 9, 2008 at 1:27 pm

Estaremos entrando em contato com outras ONGS em Recife e no BRASIl para entrar com um processo contra o CCZ .Que permitiu uma barabaridade dessa!!!

Não é porque o animal teve que ser sacrificado que não merece respeito!!! pois se não existisse gente SAFADA e INRESPONSÁVEL, não teríamos tantos animais abandonados e sendo eutanaziados por falta de donos.

Eles que nos aguarde!!!!

ISSO NÃO VAI FICAR ASSIM!!!!!!

X

ALGUNS DOS E-MAILS RECEBIDOS PELO ARTISTAS Período de abril a dezembro de 2008

Sent: Friday, April 18, 2008 10:39 PM

ei meu piraia se ligue doido eu to ligado q vc fica fazendo malvadesa com os bicho seu fulero pegando os cachorro da rua e matando pa fazer suas artes de gai eu vou logo le avisa se eu ver vc fazendo malvadesa com algum bicho eu vou fazer uma parada contigo doido vai se fude pode se preparar pra sai daqui d Recife e ir morar em outra cidade pq se eu te pegar nas quebrada aqui eu vou tirar tuas tripa e vou joga pros cachorro vira lata la da feira d cavaleiro

vc pode fazer suas arte d gai na ora q quiser so n mecha com os bicho

se liga na responsa ae piraia

flw mano a gente se bate por ai

Sent: Friday, April 25, 2008 2:38 PM

Subject: ARTISTA??????????

Vc afronta o que a arte plástica representa, com suas tendências mórbidas.....Acho que sua capacidade esta muito longe de considera-lo artista plastico conteporaneo, es uma vergonha para a comunidade que aprecia a bela arte, que nem sempre e tão bela, mas não chega a ser mórbida como a sua..... Mas como tem gosto para tudo neste mundo, vc deve ter os seus adeptos mórbidos e suicidas que adoram ver coisas bizarras que faz.....

Sinto muito.....

Sent: Friday, April 25, 2008 5:29 PM

Subject: Sem comentários

Acessei o seu site e, analisando o que vc chama de "ARTE", vi que a única mensagem que as suas obras são repugnantes, e a única mensagem que elas conseguem passar às pessoas é que são de extremo mal gosto. Não são belas e não são um protesto, são apenas uma apologia à violência, principalmente contra animais. Todas as pessoas a quem eu mostrei suas obras ficaram indignadas. Espero que vc reveja seus conceitos ou, melhor ainda, mude de profissão, pois artista você não é.

Fica registrado aqui o meu protesto e de meus funcionários.

Os defensores de animais tb irão verificar se houve caso de crueldade contra os animais expostos, o que configura crime.

E-mails gentilmente cedidos pelo artista

Data: Fri, 25 Apr 2008 13:00:49 -0300

Assunto: Fw: MAIS UM “ARTISTA” TORTURANDO ANIMAIS?? PERNAMBUCO

> este cara é um louco se achando artista. as imagens são chocantes. ele escalpela, decepa a cabeça de um cão vivo para se vestir como ele? Esse cara tem que ser preso e escalpelado aos poucos, arrancada sua pele tb aos pouquinhos, mas sem anestesia que é para dar mais emoção. Até quando vamos ver isso e ficar impassíveis? Cadê a UIPA DE FORTALEZA?

> Cadê os jornalistas, ativistas das ONGs de proteção animal?

Sent: Monday, June 02, 2008 10:51 PM

Subject: Fantasia de Compensação

Prezado Rodrigo Braga

Vi sua obra Fantasia de Compensação no site (http://www.rodrigobraga.com.br/trabalhos/fantasia_01.htm). Você teve o cuidado de se resguardar legalmente (Nota de Esclarecimento) e no seu relato de artista (Dos bastidores de um auto-retrato) explica que manipulou imagens reais com virtuais, que a cabeça não é sua e sim uma cópia em silicone, que a cirurgia foi feita por um veterinário, que o cão foi eutanasiado no Centro de Controle de Zoonoses em Recife e que você fotografou imagens e depois as manipulou no Photoshop.

Sua obra “chocou” professores e alunos do Instituto de Arte, público não leigo em arte. Alguns não entenderam, outros nem quiseram ver as imagens... Ao que parece sua obra precisa de “bula” (Nota de Esclarecimento e Dos bastidores de um auto-retrato) e o que realmente me preocupa é que sem a “bula” possa talvez instigar ainda mais preconceito, violência e maus-tratos contra os animais.

Penso que questões delicadas como a violência devem ser tratadas com mais cuidado.

Lamento também que o rottweiler tenha perdido a vida estando liberado para adoção no Centro de Controle de Zoonoses há 40 dias e, portanto, supostamente não seria desequilibrado, mordedor ou bravo. Como desculpa para o extermínio de cães ainda vale o equivocado argumento do necessário controle de zoonoses. Saiba que um cão vacinado não transmite doenças para os humanos e que a Organização Mundial da Saúde preconiza a castração como único método eficaz e humanitário para o controle populacional de animais e não o seu extermínio.

Lamento a morte do cão porque entre tantos cães e gatos de raça e sem raça definida que já ajudei, resgatei cinco rottweilers adultos em situação de extremo maus-tratos que se mostraram extremamente equilibrados, dóceis e gratos. Um deles, ou melhor, a Gorda, foi adotada justamente no Centro de Controle de Zoonoses de Porto Alegre.

Resguardadas nossas diferenças individuais e nossa liberdade de expressão convido-o a conhecer melhor a causa animal. E se você deseja ser mais corajoso e confiante como um rottweiler como afirma no seu relato “Dos bastidores de um auto-retrato” convido-o a brincar, acarinhar e abraçar meus cães. Tenho a privilégio de fazer isto todos os dias e nestes momentos sou plenamente feliz.

Atenciosamente

Sent: Friday, June 13, 2008 3:57 PM

Subject: Comentário

Sr. Rodrigo Braga

Não entendo o que o levou a fazer aquela “arte”, denominada fantasia de compensação, porém devo dizer que fico extremamente repugnada com tal feito. É doentio, macabro. Sem dúvida não merece ser chamado de arte, por mais que o cão já estivesse morto.

Estou convicta de que trabalhos como esse não o trarão benefício algum no âmbito profissional, pelo contrário. Deixo registrada aqui minha indignação.

Sent: Friday, June 20, 2008 12:46 PM

Subject: A respeito das suas obras....

Primeiro gostaria de mostrar meu total repudio quanto as imagens que voce colocou na sua galeria, pois para ser um artista plastico você não precisa “Chocar” mas sim impressionar, e decepar um cachorro para depois costurar no corpo, só mostra o quanto você está necessitado por atenção, triste quando as pessoas tem que utilizar-se de barbariades para tentarem ser famosas.

Engraçado, é você ainda mostrar passo a passo as fotos do animal mutilado e ainda achar q isso é uma obra de arte, e ele é só o seu material. Olha gente que faz crueldade com animais tá cheia no mundo, mas os q fazem e ainda tentam chamar de arte tá começando agora, como aquele outro “ser” chamado Guilherme Habacuc que fez aquela crueldade e deixou o animal morrer de fome e sede, se você quer tanto chocar use a cabeça da sua mãe como mascarará garanto que iriam falar de você no mundo inteiro, agora não use um animal que não tem nada haver com isso como o seu material, e ainda publicar imagens dele mutilado e chamar isso de ARTE.

Só saiba de uma coisa, o mundo está mudando, e as pessoas estão cada vez mais preocupadas com os animais. Então não espere que muitos vejam essa sua “arte” como você deseja, mas sim como ela realmente é, uma crueldade sem escrupúlos.

Mesmo que o animal já estivesse morto isso não te dá o direito de usar o corpo dele.

Sent: Saturday, June 28, 2008 10:57 PM

Subject: Fantasia de Compensação

Caro Rodrigo Braga,

Sou uma estudante do ensino médio, de Aracaju - se e gostaria muito de entender seu objetivo com a Fantasia de Compensação. Posso está redondamente enganada (diga-me se estiver), mas acho um completo absurdo utilizar partes de corpos de um animal para uma obra, seja qual for... O senhor pode-me dizer que foi isso que o senhor quis causar: O choque, mas não acha que isso já ultrapassa os limites éticos, que todos, inclusive um artista devem respeitar?! Para ser sincera, estou indignada, tanto quanto estaria se ali fossem partes de um humano, mas vou manter minha educação, já que posso está sendo injusta com o senhor, mas peço-lhe uma resposta coerente, por favor. E lembre-se que eles têm tantos

sentimentos quanto nós - até mais do que alguns.

Grata pela atenção

Sent: Thursday, May 15, 2008 9:51 PM

Subject: ??????????????

ESTAS ENFERMO????

SABES LO QUE ES ARTE????????????

y no olvides....CARPE DIEM

Sent: Wednesday, May 14, 2008 3:26 PM

Subject: fotos de “obra de arte”

Oi Rodrigo, foi com muito exaspero que conheci seu trabalho, veja, eu compreendo que a visão do artista é sempre diferenciada da do grande público, senão claro, vc seria mais um na mutidão, não um artista, mas, de qualquer forma há um senso comum, aquele que se refere a respeito ou a falta de respeito, a compaixão e tudo mais, que segundo consta nos livros em geral é o que nos difere os demais animais. Eu acredito que não estamos tão longe assim dos demais, prefiro acreditar que sou mais parecida com qualquer cachorro sarnento, com qualquer gato sem raça do que com muitos outros da minha “espécie”, então me causou um imenso mal estar ver as imagens que vc divulga, se sua intenção não é apregoar a crueldade, no que aliás eu prefiro acreditar, seria muito interessante que algum tipo de texto acompanhasse as tais imagens.

Boa sorte com seu trabalho

Sent: Tuesday, May 06, 2008 12:11 AM

Subject: PARA O “GÊNIO” DAS ARTES

Como artista plástico em formação posso dizer que não vi nada de novo ou surpreendente em seu “trabalho”, achei apelativo e desesperado, na verdade uma merda de uma ideia que só serviu para causar agitação mesmo. Você sabe desenhar, pintar, ou esculpir? ISSO SIM É ARTE! Mas como tomou bomba na faculdade teve que se virar para defender uns trocos, porque você não nasceu quadrado, não é mesmo? E como diz o dito popular “QUEM NÃO TEM COMPETÊNCIA, NÃO SE ESTABELECE” você tinha que fazer alguma coisa e isso foi o que você arranhou para provar para si mesmo e para seu companheiros que você não é um “artista” fracassado, mal-sucedido e infeliz numa tentativa carregada de desespero para ganhar um troquinhos no seu chapéu.

Aliás, artista é aquele que consegue ver uma palhaçada dessas sem conseguir vomitar! Pois eu te digo: Analisando por esse ponto de vista, EU NÃO SOU UMA ARTISTA, seu alucinado mental! Vai varrer rua, vai. Vender coxinha de porta em porta, tentar vender doces dentro dos ônibus, lavar roupa pra fora que é muito mais digno qualquer uma dessas coisa para você, cretino!

XI

COLAGENS CONTEMPORANEAS: CRUZAMENTOS (IM)PUROS?

Texto da curadora da exposição, Sandra Rey, publicado no catálogo da mostra e cópia dos comentários registrados no livro de assinaturas

Desde os primeiros *papiers collés* introduzidos por Picasso e Braque, início do séc.XX, se desencadeia um processo irreversível de inclusão de elementos que se incorporam ao espaço da representação, ao dispositivo da pintura, para entrar em contradição com a unidade e o aspecto ilusório da imagem.

O cubismo estilhaçou o ponto de vista, centro organizador da composição na pintura, tratando as formas de natureza por meio de figuras geométricas, representando todas as faces de um objeto no mesmo plano. A partir de então, a representação passa a negar o compromisso com a aparência real das coisas. A introdução de papéis de todo tipo, fragmentos de jornais, tecidos, madeira, e de outros materiais no campo pictórico, tratava de introduzir um fragmento do real, – mais “real” do que qualquer imagem –, para questionar os postulados da teoria da representação. O uso dos papéis colados abre às pesquisas cubistas, novas direções. A utilização cada vez mais livre de materiais heterogêneos dá origem a objetos tridimensionais e relevos.

A colagem como procedimento técnico tem uma história antiga, mas sua incorporação na arte do século XX, com o cubismo, representa um ponto de inflexão na medida em que liberta o artista do jugo da superfície, introduzindo a *impureza* e o *estranhamento* na uniformidade da imagem. Ao abrigar no espaço do quadro elementos retirados da realidade, a pintura passa a ser concebida como construção sobre um suporte, dificultando o estabelecimento de fronteiras rígidas entre as categorias da arte.

Max Ernst amplia as possibilidades da colagem através de uma articulação imprevista dos elementos e uma abertura mais direta ao irracional, no que será seguido pelos surrealistas, que levam ao limite a idéia de associação de elementos díspares e de construção de uma “realidade irreal”.

Como os artistas contemporâneos reinventam esse procedimento, tendo em vista os recursos disponíveis pela tecnologia e a ciência, fazendo apelo às mais surpreendentes operações?

A mostra apresenta a reinvenção da colagem como um dos procedimentos recorrentes da arte atual. O princípio norteador da curadoria recai sobre trabalhos cujos processos de instauração se organizam em torno da articulação de elementos por *justaposição*, *sobreposição* e *sistemas de inclusão*, resultando em obras capazes de desalojar nossos hábitos perceptivos e de induzir a questionamentos sobre a percepção do real, a sociedade e cultura contemporânea.

“*Fantasia de Compensação*” de Rodrigo Braga é composto por uma série na qual cada imagem é o fragmento de um processo cirúrgico, a qual o artista – supostamente – submete-se, para fundir partes de seu rosto, com partes da cabeça de um cão rotweiler.

Para atingir o simbólico, o artista agencia, por procedimentos complexos e várias artimanhas,

a desconstrução da imagem de seu corpo físico. As imagens mostram com crueza os processos cirúrgicos realizados no cadáver do animal, para a retirada de partes (orelhas, focinho e região dos olhos) que serão acoplados à cabeça do artista. As fotos seguem mostrando os procedimentos cirúrgicos pelos quais estas partes são costuradas em seu rosto e, finalmente, o resultado obtido: *um novo corpo*, híbrido de homem e cão, apresentado de perfil, como nas fotos de identidade policiais.

A proposta, referindo-se explicitamente aos códigos de representação da fotografia, apóia-se francamente sobre o estatuto da veracidade da imagem fotográfica, informando o espectador sobre um processo de fusão do humano com o animal. Pode-se considerar que a força do trabalho, além do impacto conscientemente sobre a credibilidade intuitiva do espectador em relação à imagem fotográfica, operando uma tensão do terreno da estética com a ética.

curadoria
sandra rey

COLAGENS CONTEMPORÂNEAS
cruzamentos (im)puros?

VARGAS
FRANCA
CRISTOFARO
COSTI
BRAGA
REY
PAES LEME
CORRÊA

ANTONIO
PATRÍCIA
RICARDO
ROCHELLE
RODRIGO
SANDRA
SHIRLEY
WALMOR

UniarTE2008

Impresso
1777/2003-DR/RS
UFRGS
CORREIOS

rec. gráfica da ufrgs - sandro ka

COLAGENS CONTEMPORÂNEAS
cruzamentos (im)puros?
curadoria: sandra rey

abertura: 28 de maio de 2008, quarta-feira, das 19h às 20h30
visitação: até 20 de junho, das 10h às 18h, de segunda a sexta-feira

lançamento do catálogo e encontro com curadora:
18 de junho, quarta-feira, às 18h30

local: Pinacoteca Barão de Sto. Ângelo - IA/UFRGS
(Instituto de Artes - R. Senhor dos Passos, 248 - 1º andar - Centro)

informações: 51 3308 4302 - e-mail: iapin@ufrgs.br

UniarTE2008

M.12, 07/11/2008 2 11/11/2008
417 220 0045

2008 07/11/2008

Ana Kawadiel

29/05/2008

Ildey Passalun

Paulo Salveti

29/05/2008

70. Lenora Rosmiread

29/03/08

ANANDA KUHN

29.05.08

PRISCILLA ZANINI

11

Maria Schwarz

29.05.08

Marina Polidoro

Robel Fardalla

29.05.08

Claudia J. Kammerstki

29.05.08

Bibiana Macedo de A Santos

29.05.08

Elke Coelho

29.05.08

Carissom Glad

29.05.08

80. Jane Coelho

29.05.08

PEDRO T. SILVEIRA

29.05.08

AINE ARAUJO

29/05/08

Miguel Araujo

29/05/08

Rodrigo Junt

29/05/08

Manoel de Melo

29/05/08

Lucas dos Passos

29/05/08

Katrine Bastian

29/05/08

Alvaro Vilaverde

29/05/08

Guilherme R. de Sales

29/05/08

90. Victoria Ribeiro

29.05.08

Tamir Forink

29/05/08

Juliana
Guo Sane

29.05.08

BELA MERDA!!

Kelly Gattini

ALEXANDRO LUIZ - A ESTUPIDEZ É ARTE? - 29.05.08
S. S. Pereira m. (SOBRE ROBERTO BRAGA!)

~~XXXXXXXXXXXX~~

29/05/2008

Dione Vierge Viare
Letícia Caroline Nêf

30/05/2008

Mariano

30/05/08

Fernanda Brancella

30/05/08

André Pares

30/05/08

100

Anna Maria Eckert

u

30/05/2008

~~Luciano Alves~~

30/05/2008

Luciano Alves

30/05/2008

Suzana Borralho de Brito

30/05/2008

Natália Rizzi

30/05/2008

Julia Manganeli

30/05/2008

LAURAC SOE

30/5/2008

LARA SOUSA DIAS

30/5/2008

Cristina Berra

30/5/2008

110

Debra Balzan

30-5-08

Camila A. Petró

30-05-08

Rilene A. Dóro

30-05-08

Adalberto Porto Alegre

30-05-08

Cynthia Fofis

u

Camilla Wall Agnes

u

IRINEU GARCIA

~~XXXXXXXXXXXX~~ PARAISES

Isabella Mello Fonseca

Kaócio Binnetini Dias

31/5/08

120

Daniela de Rosa

31/05/08

Jenifer Gomes

31/05/08

Montezuma

31.05.08

Luciane Fátima

31.05.08

Eraíci Vargas da Rosa

31.05.08

Dione Vierge Viare

	Falco Souza Antunes	6/6/2008
	Maurício Braga	u d
	Luiz Carlos	09/06/08
230	SOL CASAL	10/06/08
	Guilherme Ramos	03/06/08
	AMANDA M ^e OLIVEIRA	09/06/08
	SUZANA XAVIER	05/06/08
	Vladimir Seer	
	Justiniano Arnoud Neto	09-6-08
	Ang Bristing Wimck Mehl	09/06/2008
	BRUNO BRUNO	09/06/2008
	Charles M. Krax	6 2008
240	E o fim da picareta	
	Guilherme Braga	09/06/08
	Alexandre Bs Nader	09/06/08
	Cláudio Elias dos	09/06/08
	Ron de Oliveira	09/06/08
	Rodrigo Rosa	10/06/08
	Juliana Pádua	10/06/08
	Paulo Silveira	10/6/08
	MATEUS MOREIRA	10/6/08
	POA-RS	
	Carlos Weisheimer	10/6/08
	Hess	10-06-08
250	Reginaldo D. Silva	10/06/08
	Guilherme Antunes de Oliveira	10/06/08
	Diogo Silveira Netto	10/06/08
	MARCO ESCOBAR DA ROSA	10/06/08
	Laura Bortolazzo	10/06/08
	Ara	
	Yasmine Mazzoni Jalmusny	11/06/08
	Wagner	11/06/08
	1-x--	

	Mª Cláudia G. de Ramos	13/06/2008
	Guilherme Gastal de Castro Ramos	13/06/2008
	Samuel Gastal de Castro Ramos	13/06/08
	DAE DE BHOVI	13/06/08
	Franerica De Bogni	13/06/08
	Edu Cláudio Dantas	13 6 08
	Estelito Franco	11
	Daisy Santos	13.06.08
300	Gisela Menezes	13/06/08
	Xanella Leite	16/06/08
	Prisca Queiroz Frag.	16/06/08
	Rocelle Porto	16/06/08
	Abraão	16/06/08
	Vanessa Oliveira	16/06/2008
	Manoela Pavan Silveira	16/06/2008
	José T. Silva	17/06/2008
	QUANDO OLIVEIRA	17/06/2008
310	Rafaela	16/06/2008
	Rosângela	16/06/2008
	Deborah Soster 3 ^o Alt. Ferrás	17/6
	Deborah Soster <u>SHOW!!</u>	17/6
	Fabio Corsetti	17/06/2008
	Juliana Bassani	17.6.8
	Stephanie Freitas	17/06/2008
	Aluísio Vadtzill	17/06/2008
	Aluísio	17/06/2008
	Aluísio Aniler	17/06/2008
320	SIDYBI F. AMARAL	17/06/08
	Somas Bortolotto	17/06/08
	Natalia Oriole	17/06/08
	ROSIRÊNÉ MAYER	17/06/08
	Ammanda M. de Oliveira	17/06/08

Anelise Witt
360 Paroline Pitt
Miguel Parolin. (04)
Cleia Gomes.
Daniela Soares
Ana Carolina Becker
Katalin Horvath Carnice

18/06/2008.
18/06/2008
19.06.08
19.06.08
19.06.08
19.06.08
19.06.08

Maria Elisa W. Walter
IRAJA HECKMANN
TOMY KUDALDA

19/06/08
19/06/2008
19.06.08

370 LUDO TAO HORRVEL

Manoel R. Junim.
Rosario Tapuis
Paulo C de lauerd
Fernando Soares

19/6
19/06
19/06
20/06
20.06
20/06

Adriano Sampaio Pedrosa
Jorge Almeida
Jandus Colho

20/06
20.06
20.06

380 MARIANA P. KONRAD

Claudio
Eliem Algaevé
Márcia D. Nicolaidin

20.06.08
20/06/08
20/06/2008
20/06/2008
20/06/2008

385 José Naves Jr